

CONVERGÊNCIA

ISSN 0010-8162

Maio 2007 • Ano XLII • N° 402



- A mística do discipulado
- Ser discípulo hoje
- Violência, desejo e a crise do sistema capitalista
- Gênesis I a 3: Re-criação



CRB

Sumário

EDITORIAL	193
PALAVRA DO PAPA	197
INFORME CRB	201
ARTIGOS	203
A mística do discipulado	203
MERCEDES LOPES, MJC	
Ser discípulo hoje	214
EDUARDO PEREZ-COTAPOS, SSCC	
Violência, desejo e a crise do sistema capitalista	222
JUNG MO SUNG	
Gênesis 1 a 3: Re-criação	237
GILVANDER MOREIRA	

A ilustração da capa da Convergência de 2007, do artista Anderson S. Pereira, MSC, foi inspirado no livro de Rute, no qual a mulher é protagonista do resgate da vida. A realidade de dor e esperança transpassa o corpo da mulher, símbolo da VRC inserida que vive o mistério de Deus encarnado.



CONVERGÊNCIA

Revista Mensal da Conferência dos Religiosos do Brasil - CRB
ISSN 0010-8162

DIRETORA RESPONSÁVEL

Ir. Maris Bolzan, SDS

REDATOR RESPONSÁVEL

Pe. Marcos de Lima, SDB
(Reg. 12679/78)

EQUIPE DE PROGRAMAÇÃO

Coordenadora

Ir. Maria Carmelita de Freitas, FI

Conselho Editorial

Ir. Aíla Luiza Pinheiro de Andrade, NJ
Pe. Francisco Taborda, SJ
Pe. Jaldemir Vitorio, SJ
Pe. Cleto Caliman, SDB

DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua Alcindo Guanabara, 24/4º andar
20038-900 - Rio de Janeiro - RJ

Tel.: (21) 2240-7299

Fax (21) 2240-4486

E-mail: crb@crbnacional.org.br

www.crbnacional.org.br

Registro na Divisão de Censura e

Diversões Públicas do PDF

sob o nº P. 209/73

Os artigos assinados são de responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.

Assinatura

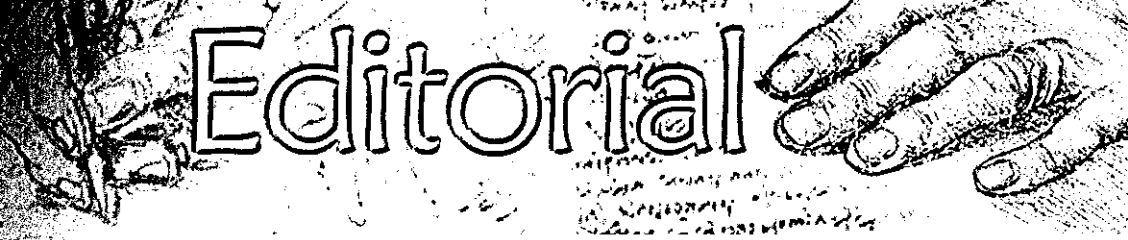
Anual

para 2007

Brasil: R\$ 80,00

Exterior: US\$ 80,00 ou o correspondente em R\$ (Reais)

Números avulsos: R\$ 8,00 ou US\$ 8,00



Discípula e servidora

A Igreja realiza sua sacramentalidade histórico-salvífica anunciando e fazendo acontecer o Reino de Deus na história. Por isso, a correta articulação Reino de Deus/Igreja é essencial para a adequada compreensão da Igreja e da sua missão no mundo. Todo intento de identificação entre Igreja e Reino de Deus é uma distorção da verdade teológica da Igreja. Ao contrário, a permanente conversão da Igreja ao Reino é o que garante à Igreja sua fidelidade a seu ser mais íntimo: – sinal e servidora da salvação de Deus. Anunciadora e servidora do Reino. Um Reino ao qual não pode substituir, com o qual não se identifica e ao qual deve submeter-se.

O conteúdo do Evangelho de Jesus foi historicamente a chegada do Reino de Deus. Segundo os textos do Novo Testamento, o anúncio desse Reino constitui o núcleo central da Boa Notícia de Jesus. É precisamente a partir desse anúncio, que o conjunto da pregação de Jesus adquire seu fundamento e seu sentido último. Tudo lhe fica subordinado. É a noção de Reino de Deus a que leva a compreender Aquele que o anuncia. A frase de Marcos: – “o Reino de Deus está próximo” (Mc 1,15) – ao mesmo tempo que representa na

tradição sinóptica a única tematização sintetizada do conjunto do anúncio de Jesus, representa também uma clara expressão da centralidade desse anúncio. Na sinagoga de Nazaré, Jesus se apresenta como o Messias que vem realizar as esperanças dos pobres, suscitadas e alimentadas pelos profetas ao longo dos séculos. Esta mesma compreensão dos pobres como privilegiados do Reino de Deus anunciado por Jesus subjaz aos textos das bem-aventuranças. Elas são Boa Nova – Evangelho – em primeiro lugar para os pobres.

Na medida em que se faz discípula fiel do único Mestre e se autocompreende humildemente como servidora do Reino proclamado por Jesus de Nazaré, no qual os pobres são privilegiados, a Igreja encontra sua identidade mais profunda e se dispõe cada dia a desempenhar sua missão no mundo.

Na Igreja e como Igreja, a Vida Religiosa está chamada também a re-criar a prática de Jesus, prolongando na história a parábola existencial do Reino. Na vida de religiosos e religiosas, ao longo dos séculos, a referência ao Reino é constitutiva, e o serviço aos pobres como primeiros destinatários do Reino, uma constante. Situações no horizonte do Reino, tratam de ser

sensíveis à proposta salvífico-transformadora que o Reino de Deus anunciado por Jesus introduz na história, de deixar-se seduzir por suas utopias e guiar por seus critérios, de expressar nas suas práticas históricas a serviço ao Reino, em suas múltiplas facetas.

Em sua encíclica “Deus é Amor”, Bento XVI lembra a importância que na grande Tradição da Vida Religiosa teve sempre o amor e serviço ao próximo, particularmente ao mais necessitado, na perspectiva do Reino, e associado indissoluvelmente ao amor a Deus: “todo o movimento monástico, desde suas origens com Santo Antão Abade, expressa um imenso serviço de caridade para com o próximo. No encontro face a face com aquele Deus que é amor, o monge sente a exigência de transformar toda sua vida em serviço ao próximo. Assim se explicam as grandes estruturas de acolhida e serviço que surgiram ao lado dos mosteiros. De igual modo se explicam as extraordinárias iniciativas de promoção humana e de formação cristã destinadas prioritariamente aos mais pobres e das quais se ocuparam primeiramente as ordens monásticas e mendicantes e, depois, os vários Institutos religiosos masculinos e femininos ao largo de toda a história da Igreja”.

Na atual conjuntura eclesial da Conferência de Aparecida, a Vida Religiosa, com toda a Igreja no Continente, é desafiada na sua vocação de discípula e servidora. Da sua fidelidade criativa e dinâmica à sua identidade mais profunda dependem a qualidade do seu testemunho no mundo e a sua própria vitalidade histórica.

Os artigos publicados na Convergência deste mês de maio, pretendem ser um valioso subsídio para a reflexão e oração das

Comunidades, ajudando-as a sintonizarem com o importante evento eclesial de Aparecida, sua temática central e seus desdobramentos.

“A mística do discipulado”, de Mercedes Lopes, mjc, é um texto extremamente oportuno e sugestivo. Nele a autora aborda a importante questão da vivência da espiritualidade evangélica, retomando-a na perspectiva da espiritualidade do seguimento de Jesus e dentro do marco histórico e teológico da V Conferência. Depois de interessantes e esclarecedoras considerações sobre o sentido e o alcance dos termos *espiritualidade* e *mística*, a autora desenvolve duas relevantes questões: Jesus nos Evangelhos e a relação de iguais na mística do discipulado. O primeiro tópico do artigo é iminentemente bíblico. São apresentados traços marcantes do rosto de Jesus que ficaram impressos na identidade das primeiras comunidades cristãs. Nessa perspectiva, são focalizados os seguintes aspectos: – a prática de Jesus e a justiça do Reino; Jesus o “filho do homem”; Jesus é Deus em visita ao seu povo; Jesus é amor sem limites. Para a autora, esses são “aspectos que mostram o mistério do Reino de Deus acontecendo na simplicidade da sua curta trajetória humana”. No segundo tópico do artigo, a autora apresenta algumas características do discipulado de iguais tal como emerge das práticas de Jesus, enfatizando que “o rosto de Deus emerge nas relações novas que superam discriminações e preconceitos de todo tipo”. No final do texto, Mercedes lança um desafio às religiosas e religiosos: “A V Conferência do CELAM lembra que o tempo presente exige reverência e ousadia para colocar-nos a serviço da construção de uma sociedade pluralista, mais ética e

humanizada. A contribuição da Vida Religiosa Consagrada para a construção de novas relações em um mundo ferido supõe a retomada e o aprofundamento da mística do discipulado, no contexto atual”.

O artigo de Eduardo Perez-Cotapos, ss.cc. – “Ser Discípulo Hoje” – versa sobre o desafio permanente para cristãos e cristãs que é seguir Jesus na realidade concreta da própria vida. O autor articula o texto em três grandes eixos. No primeiro deles trata do caráter eclesialmente situado de todo seguimento: “Falar de discípulos é falar em primeiro lugar de uma Igreja na qual estes homens e mulheres vivem e alimentam sua fé”. Na América Latina, essa Igreja na qual se encontra situado o discípulo hoje tem um rosto sonhado e desejado, em parte já realizado e dolorosamente esperado: uma Igreja que busca ser profundamente comunitária, fraterna, rede de comunidades, reunida ao redor da Palavra, inserida na realidade do povo e particularmente atenta às necessidades dos pobres e marginalizados, onde todos possam sentir-se em casa. No segundo eixo o autor apresenta três dimensões fundamentais do ser discípulo: – o encontro pessoal com Jesus e o conseqüente fascínio por Ele, experiência profundamente pessoal e intransferível, sem a qual não se pode ser verdadeiro discípulo. – A nova consciência sobre si mesmo, sobre a própria fragilidade e a percepção da bondade e da misericórdia infinita de Deus. – Um novo modo de pertencer à comunidade humana, transformando o discípulo em missionário e testemunha daquilo que viu e ouviu. No terceiro eixo, o autor comenta vários aspectos concretos da experiência do seguimento, particularmente importantes

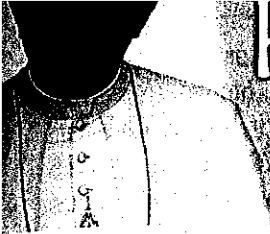
hoje. O artigo conclui augurando que a V Conferência do Episcopado Latino-americano a celebrar-se em Aparecida nos ajude a aperfeiçoar mais o rosto do discípulo de Jesus no século XXI.

“Violência, desejo e a crise do sistema capitalista” – de Jung Mo Sung, é um artigo interessante, oportuno e provocador. O autor parte da consideração sobre recentes fatos de violência que chocaram a consciência dos cidadãos brasileiros em nível nacional e do absurdo, da desproporção, destas violências em relação aos objetivos dos seus perpetradores. Por isso o artigo visa abordar o tema da violência enfocando mais a relação entre este caráter de desproporcionalidade e a crise da nossa civilização, e as possíveis contribuições do cristianismo e da vida religiosa em particular. O conteúdo do artigo é exposto em quatro grandes tópicos. O primeiro tópico ocupa-se da preocupante questão da violência tornada invisível. Depois de uma breve análise das causas que fazem a violência invisível, o autor observa com pertinência: “Sem revelarmos a violência interna à civilização moderna ocidental, dita cristã, tornada ausente ou invisível pelas ciências e ideologias modernas (incluindo aqui uma boa parte da própria teologia) não podemos lutar de uma forma real em favor da vida dos mais frágeis”. O segundo tópico é uma interessante análise da relação entre a *violência desproporcional* e a crise do sistema, mostrando que o aumento da incidência de *violências desproporcionais* é como a ponta de iceberg que revela o alto grau de instabilidade do sistema hoje vigente no mundo. No terceiro tópico, o autor aprofunda a sua análise, comentando a relação entre desejo, violência e sistema capitalista.

Baseando-se num interessante texto de Manuel Castells o autor discorre sobre essa complexa questão que constitui, sem dúvida, um desafio para a sociedade e a Igreja hoje. O quarto tópico – “o que podemos fazer”? – apresenta sugestões para a prática da Vida Religiosa no atual contexto de violência. No final do artigo, o autor escreve: “Eu penso que as Igrejas cristãs (incluindo aqui a católica e também as protestantes e evangélicas), por mais bem intencionadas que sejam, não têm mais poder ou capacidade de construir uma ordem social a partir do seu desejo ou doutrina. Este tempo já passou. Mas, ela pode e deve tentar contribuir com um espírito que leve as pessoas a desejarem um mundo diferente, mais humano, sem perder de vista a real condição humana e as ambigüidades da convivência social”.

Gilvander Moreira, no seu artigo – “Gênesis 1 a 3: Re-criação” – oferece às comunidades um excelente texto de reflexão sobre a criação e a questão ambiental, tal como se coloca hoje. No início do artigo, o autor apresenta uma breve, mas preocupante panorâmica da situação ambiental hoje e afirma: “O nosso Planeta está em perigo de morte”. Com esse pano de fundo, procura resgatar a teolo-

gia da criação, a partir de uma leitura libertadora e transformadora dos três primeiros capítulos do Gênesis. Para isso oferece algumas considerações prévias que visam ajudar a fazer essa leitura e, a partir daí, tece comentários lúcidos e esclarecedores sobre o sentido do relato criacional nos seus vários aspectos e faz uma leitura libertadora do pecado de Adão e Eva, fazendo interessantes comentários à questão da experiência da origem do mal. Lembra alguns critérios exegéticos que ajudam na interpretação desses textos, oferecendo elementos para uma leitura mais atualizada dos mesmos. Na parte conclusiva do artigo o autor observa: “Alguém poderia objetar: como é que fica então o pecado original? Nossa reflexão teve dois objetivos. Primeiro, desconstruir uma interpretação fundamentalista e dualista, que tem justificado colocar a culpa dos males do mundo na mulher como se ela fosse discípula fiel de uma “serpente”, entendida de forma abstrata e a-histórica, como se a causa dos problemas humanos fosse advinda de fora das entranhas da história. Segundo, sugerimos uma releitura do *pecado de Adão e Eva* que quebra tabus e indica a humanidade passando por um processo de humanização”.



Palavra do Papa

Mensagem Urbi et Orbi de Sua Santidade Bento XVI

Páscoa 2007

*Irmãos e Irmãs do mundo inteiro,
homens e mulheres de boa vontade!*

Cristo ressuscitou! A paz esteja convosco! Hoje se celebra o grande mistério, fundamento da fé e da esperança cristã: Jesus de Nazaré, o Crucificado, ressuscitou dos mortos ao terceiro dia, conforme as Escrituras. O anúncio feito aos anjos, naquela aurora do primeiro dia depois do sábado, a Maria Madalena e às mulheres que foram ao sepulcro, o ouvimos hoje com renovada emoção: “Por que buscais entre os mortos aquele que está vivo? Não está aqui, mas ressuscitou!” (Lc 24,5-6).

Não é difícil imaginar quais seriam, naquele momento, os sentimentos destas mulheres: sentimentos de tristeza e desconcerto pela morte do seu Senhor, sentimentos de incredulidade e surpresa diante de um fato surpreendente demais para ser verdadeiro. O túmulo, porém, estava aberto e vazio: o corpo já não estava mais. Pedro e João, avisados pelas mulheres, correram ao sepulcro e verificaram que elas tinham razão. A fé dos Apóstolos em Jesus, o Messias esperado, tinha sido posta a

uma prova duríssima pelo escândalo da cruz. Durante a sua prisão, condenação e morte os tinham dispersado, mas agora se acham novamente juntos, perplexos e desorientados. Mas o mesmo Ressuscitado faz-se presente diante da sua incrédula sede de certezas. Aquele encontro não foi um sonho, nem uma ilusão ou imaginação subjetiva; foi uma experiência verdadeira, apesar de inesperada e, precisamente por isto, particularmente comovedora. “Jesus veio e pôs-se no meio deles. Disse-lhes ele: ‘A paz esteja convosco!’” (Jo 20,19).

Diante daquelas palavras, a fé quase apagada nos seus corações reacende-se. Os Apóstolos referiram a Tomé, ausente naquele primeiro encontro extraordinário: Sim, o Senhor cumpriu aquilo que tinha anunciado; ressuscitou realmente e nós o vimos e o tocamos! Tomé, porém, permaneceu duvidoso e perplexo. Quando, oito dias depois, Jesus veio pela segunda vez no Cenáculo, lhe disse: “Introduz aqui o teu dedo e vê as minhas mãos. Põe a tua mão no meu lado. Não sejas incrédulo, mas

homem de fé". A resposta do Apóstolo é uma profissão de fé comovedora: "Meu Senhor e meu Deus!" (Jo 20,27-28).

"Meu Senhor, e meu Deus"! Renovemos também nós a profissão de fé de Tomé. Como felicitação pascoal, este ano, quis escolher precisamente estas suas palavras, porque a humanidade de hoje espera dos cristãos um testemunho renovado da ressurreição de Cristo; necessita encontrá-Lo e poder conhecê-Lo como verdadeiro Deus e verdadeiro Homem. Se neste Apóstolo podemos entrever as dúvidas e as incertezas de tantos cristãos de hoje, os medos e as desilusões de numerosos nossos contemporâneos, com ele podemos também redescobrir, com renovada convicção, a fé em Cristo morto e ressuscitado por nós. Esta fé, transmitida ao longo dos séculos pelos sucessores dos Apóstolos, continua, porque o Senhor ressuscitado já não morre mais. Ele vive na Igreja e a guia firmemente ao cumprimento do seu eterno desígnio de salvação.

Cada um de nós pode ser tentado pela incredulidade de Tomé. A dor, o mal, as injustiças, a morte, especialmente quando afetam os inocentes – por exemplo, as crianças vítimas das guerras e do terrorismo, das doenças e da fome – por acaso não submetem nossa fé à dura prova? No entanto, precisamente nestes casos, a incredulidade de Tomé nos é paradoxalmente útil e preciosa, porque nos ajuda a

**Cada um de nós pode ser
tentado pela
incredulidade de Tomé.**

**A dor, o mal, as
injustiças, a morte,
especialmente quando
afetam os inocentes –
por exemplo, as crianças
vítimas das guerras e do
terrorismo, das doenças
e da fome – por acaso
não submetem nossa fé
à dura prova?**

purificar toda falsa concepção de Deus e nos leva a descobrir seu rosto autêntico: o rosto de um Deus que, em Cristo, carregou sobre si as chagas da humanidade ferida. Tomé recebeu do Senhor e, por sua vez, transmitiu à Igreja o dom da fé experimentada pela paixão e morte de Jesus e confirmada pelo encontro com Ele ressuscitado. Uma fé que estava quase morta e renasceu graças ao contato com as chagas de Cristo, com as feridas que o Ressuscitado não escondeu, mas mostrou e continua indicando-nos nas penas e nos sofrimentos de cada ser humano.

"Pelas suas chagas fostes curados" (1Pd 2,24), este é anúncio que Pedro dirigiu aos primeiros convertidos. Aquelas chagas, que inicialmente foram para Tomé um obstáculo para a fé, porque eram sinais do aparente fracasso de Jesus; aquelas mesmas chagas tornaram-se, no encontro com o Ressuscitado, provas de um amor vitorioso. Estas

chagas que Cristo assumiu por nosso amor, nos ajudam a entender quem é Deus e a repetir também: "Meu Senhor e meu Deus". Somente um Deus que nos ama a ponto de carregar sobre si as nossas feridas e nossa dor, sobretudo a dor inocente, é digno de fé.

Quantas feridas, quantas dores no mundo! Não faltam calamidades naturais e tragédias humanas que provocam numerosas vítimas e ingentes danos materiais. Penso no que aconteceu recentemente em

Madagascar, nas Ilhas Salomão, na América Latina e em outras Regiões do mundo. Penso no flagelo da fome, nas doenças incuráveis, no terrorismo e nos seqüestros de pessoas, nos mil rostos da violência – às vezes justificada em nome da religião – no desprezo da vida e na violação dos direitos humanos, na exploração da pessoa. Vejo com apreensão as condições em que se encontram tantas regiões da África: no Darfur e nos Países vizinhos persiste uma situação humanitária catastrófica e infelizmente menosprezada; em Kinshasa, na República Democrática do Congo, os choques e os saqueios das semanas passadas fazem temer pelo futuro do processo democrático congolês e pela reconstrução do País; na Somália a retomada dos combates afasta a perspectiva da paz e agrava a crise regional, especialmente no que se refere aos deslocamentos da população e ao tráfico de armas; uma grave crise aflige o Zimbábue, para a qual os Bispos do País, num recente documento, indicaram como única via de superação a oração e o compromisso compartilhado pelo bem comum.

De reconciliação e de paz necessita a população de Timor Leste, que se prepara a viver importantes convocatórias eleitorais. De paz necessitam também o Sri Lanka, onde só uma solução negociada porá ponto final ao drama do conflito que o ensanguenta, e o Afeganistão,

marcado por uma crescente inquietação e instabilidade. No Oriente Médio, junto com sinais de esperança no diálogo entre Israel

e a Autoridade palestinese, nada de positivo, infelizmente, vem do Iraque, ensanguentado por contínuas matanças, enquanto fogem as populações civis; no Líbano a paralisia das instituições políticas põe em perigo o papel que o País está chamado a desempenhar na área do Oriente Médio e hipoteca gravemente seu futuro. Não posso esquecer, enfim, as dificuldades que as comunidades cristãs enfrentam quotidianamente e o êxodo dos cristãos daquela Terra bendita que é o berço da nossa fé. Àquelas populações renovo com afeto minha proximidade espiritual.

Queridos irmãos e irmãs: através das chagas de Cristo ressuscitado podemos ver com olhos de esperança estes males que afligem a humanidade. Com efeito, ressuscitando, o Senhor não tirou o sofrimento e o mal que aflige a humanidade, mas venceu-os pela raiz com a superabundância da sua Graça. À prepotência do mal opôs a onipotência do seu Amor. Como via para a paz e a alegria deixou-nos o Amor que não teme a morte. “Como eu vos tenho amado

– disse aos Apóstolos antes de morrer – assim também vós deveis amar-vos uns aos outros” (Jo 13,34).

Irmãos e irmãs na fé, que me escutais de todas as partes da terra! Cristo ressuscitado está vivo entre nós, Ele é a esperança de um futuro melhor. Enquanto dizemos com Tomé: “Meu Senhor e meu Deus”!, ressoe em

nosso coração a palavra doce mas comprometida do Senhor: “Se alguém me quer servir, siga-me; e onde eu estiver, estará

**“Meu Senhor,
e meu Deus”.**

**Somente um Deus
que nos ama a ponto
de carregar sobre si
as nossas feridas e nossa
dor, sobretudo a dor
inocente,
é digno de fé.**

ali também o meu servo. Se alguém me serve, meu Pai o honrará" (Jo 12,26). E também nós, unidos a Ele, dispostos a dar a vida pelos nossos irmãos (1Jo 3,16), nos convertemos em apóstolos da paz, mensa-

geiros de uma alegria que não teme a dor, a alegria da Ressurreição. Que Maria, Mãe de Cristo ressuscitado nos obtenha este dom pascoal. Feliz Páscoa a todos!

BENEDICTUS PP. XVI

Informe CRB

Curso de Formação para Religiosas/os que atuam na Prevenção e/ou Assistência às vítimas do Tráfico de Seres Humanos

– 2ª Etapa –

‘O Tráfico de Seres Humanos vem, nas últimas décadas, e particularmente nos últimos anos, tornando-se um problema de dimensões cada vez maiores, a ponto de ser denominado como a ‘forma moderna da escravidão’.

Nos dias 28 de março a 01 abril, em Salvador/BA, aconteceu a segunda etapa do curso de formação para Religiosas/os que atuam e/ou desejam atuar na Prevenção e/ou Assistência às vítimas do Tráfico de Seres humanos – 2ª Etapa. Participaram 28 religiosas de diferentes Institutos religiosos, vindas das 05 regiões do País.

Este curso é parte do programa de Formação promovido pela UISG (União Internacional das Superiores Gerais) em parceria com a OIM (Organização Internacional para Migração) e o apoio da CRB Nacional. A primeira etapa aconteceu em São Paulo/SP no período de 02 a 07 de outubro de 2006 e consistiu num espaço de troca de experiências, aquisição de informações sobre esta problemática, sensibilização e

apropriação de ferramentas para um trabalho de prevenção e assistência nesta área.

A segunda Etapa teve como objetivo a socialização dos passos dados e a criação de uma **‘Rede Intercongregacional’** para atuar na prevenção e erradicação desta realidade. O primeiro dia foi dedicado a socialização de experiências vividas a partir dos compromissos assumidos no primeiro encontro, o segundo numa reflexão sobre os pressupostos e finalidades de uma rede e o último dia à criação da rede.

As duas etapas foram assessoradas por Stefano Volpicelli e Giulia Falzoi, assessores da OIM (Organização Internacional para Migração) da Itália e uma representante da UISG. O curso lançou para a VRC do Brasil um grande desafio. O grupo entendeu no final do mesmo, que nossa intervenção nesta realidade é uma interpelação do Espírito, pois esta alarmante realidade é um grito que clama aos céus e a nós, pedindo socorro, solidariedade, profecia – Diga a esta geração, avance (Ex 14,15).

De acordo com os dados divulgados em maio de 2006 pela Organização Internacional do Trabalho (OIT), mais de 2,4 milhões dos trabalhadores/as forçados/as em todo o mundo são vítimas do tráfico internacional de pessoas. Além disso, o relatório global da OIT sobre trabalho forçado também aponta que 43% das pessoas traficadas são usadas na exploração sexual comercial e que o tráfico rende lucros globais de mais de 31 bilhões de dólares por ano.

O Tráfico de Pessoas é realizado com diferentes propósitos: para exploração na indústria do sexo, servidão doméstica, trabalho escravo, e venda de órgãos. A grande maioria são mulheres, crianças e adolescentes, embora haja também homens traficados. No Brasil há 241 rotas de tráfico interno e internacional de seres humanos.

Dispostas a assumir esta causa, de forma articulada, numa ação preventiva e solidária, as 28 religiosas participantes do curso criaram a rede 'UM GRITO PELA VIDA', conforme o termo de compromisso a seguir:

Rede: Um grito pela vida!

TERMO DE COMPROMISSO

Interpeladas pela realidade gritante do Tráfico de Seres Humanos, nós participantes do programa de formação para religiosas sobre Tráfico de Seres Humanos promovido pela UISG (União de Superiores

Gerais), em parceria com a CRB Nacional e com a assessoria técnica da OIM (Organização Internacional para Migração), realizado em duas etapas, a primeira em outubro de 2006, São Paulo, com a presença de 34 religiosas representando as 5 regiões do Brasil e a segunda em Salvador, BA, no mês de março de 2007, com a presença de 28 religiosas. Motivadas pelo seguimento de Jesus Cristo e respondendo aos apelos desta desafiante realidade, como Vida Consagrada Inserida em novos espaços, assumimos o compromisso de atuar na erradicação do Tráfico de Seres Humanos articuladas em Rede, tendo como objetivo:

Atuar na erradicação do Tráfico de Seres Humanos -TSH, socializando informações; compartilhando e fortalecendo ações de prevenção; articulando e integrando ações de apoio às vítimas, motivadas pela mística da Vida Consagrada: o seguimento de Jesus Cristo na defesa da Vida.

A rede intercongregacional **Um Grito pela Vida** quer ser um espaço de articulação e ação solidária da VRC do Brasil na vivência de sua vocação-missão. É aberta e deseja encontrar novas/os adeptas/os em nossas congregações para, de forma criativa, sermos resposta de Deus ao clamor destes irmãos e irmãs, vítimas do Tráfico de Seres Humanos. Vem, entra na Rede com a gente!

Irmã Eurides Alves de Oliveira, ICM
P/ Rede Um Grito pela Vida.

A mística do discipulado

MERCEDES LOPES, MJC

Em meio às grandes transformações do nosso tempo, desafiada a escutar os clamores dos povos e a realizar as mudanças necessárias para ser fiel ao projeto de Jesus, a VRC se pergunta pela sua vivência da **espiritualidade evangélica**.¹ Neste artigo, buscarei retomar esta pergunta, dirigindo minha atenção especificamente para a espiritualidade do seguimento de Jesus, dentro do marco histórico e teológico da V Conferência do CELAM². Estou convencida de que retomar uma relação de intimidade com Jesus de Nazaré, através dos evangelhos, é fundamental para vivenciar com mais alegria e convicção a

espiritualidade do seguimento e para buscar novas formas³ de Vida Consagrada, em fidelidade criativa.

Mas, se pretendo tratar da espiritualidade do seguimento, por que passei a usar o termo **mística do discipulado**? Entendo que a palavra espiritualidade aponta para uma dimensão muito mais ampla. Ela "indica um conjunto de valores, de orientações de vida, de tradições religiosas ou humanistas que norteiam a vida de uma pessoa ou de um grupo"⁴. A espiritualidade cristã "é aquilo que deriva da comunhão dos santos, do caráter fraterno do nosso convívio no espaço da igreja, do perdão

¹ Nos Horizontes do Quadro Programático da CRB, 2005-2007, n.º. 1, encontramos a expressão clara deste questionamento: "Uma espiritualidade evangélica que potencialize para o testemunho da partilha, para a profecia e o anúncio missionário, e para acolher as mudanças necessárias, frente aos novos tempos".

² A V Conferência do CELAM será realizada de 13-31/05/07, em Aparecida, com o tema: Discípulos e missionários de Jesus Cristo, para que nele nossos povos tenham vida. "Eu sou o caminho, a verdade e a vida" (Jo 14,6). Como mulheres consagradas, queremos sentir-nos incluídas nesta temática, não somente buscando visibilizar o discipulado das mulheres no tempo de Jesus, mas contribuindo para um aprofundamento e atualização deste tema.

³ Uso a expressão "formas", em vez de "modelos", porém estou consciente do limite desta expressão. Formas e modelos são rígidos e não se deixam penetrar tão facilmente pela novidade do Espírito.

⁴ Ivone Gebara, em CEPAT *Informa*, ano XI - n.º. 129, dezembro de 2005, p.22.

dos pecados, da esperança por uma vida melhor, renovada, que em qualidade supera aquela que estamos vivenciando”⁵. Mas, ela não se resume às vivências e experiências cristãs, nem mesmo às vivências e experiências religiosas. A espiritualidade é, antes de tudo, uma dimensão do ser humano. “Toda pessoa humana é um ser fundamentalmente espiritual”⁶, cuja profundidade vai se construindo a partir das suas buscas, indagações, experiências e relações. Mas, a profundidade espiritual não acontece simplesmente pelo fato da pessoa existir. Ela cresce, em cada pessoa, a partir da sua permanente busca de sentido para a vida; do assumir contínuo e paciente das dificuldades nas relações interpessoais, desenvolvendo uma postura terna e acolhedora com todas as criaturas. A profundidade espiritual nasce e cresce, sobretudo, através da entrega livre e incondicional para que todas as pessoas tenham direito à uma vida digna e feliz.

Por outro lado, a espiritualidade cristã carrega uma ambigüidade que tem sido acentuada por alguns movimentos religiosos do nosso tempo. Por derivar-se da palavra “espírito”, ela foi muitas vezes interpretada em oposição ao corpo, ao material e histórico.

**A profundidade
espiritual nasce e
cresce, sobretudo,
através da entrega
livre e incondicional
para que todas as
pessoas tenham direito
à uma vida digna
e feliz.**

Esta visão ambígua e dualista, sem nenhum fundamento bíblico, foi sendo construída ao longo da história e encontra-se vigente, hoje, em rituais religiosos que provocam profundas emoções, porém não celebram um compromisso histórico e transformador, inspirado na vida profética de Jesus de Nazaré. Um compromisso que manifesta a vivência da mística do discipulado.

A palavra mística deriva-se de mistério⁷ e também abrange a pessoa toda, “com sua sensibilidade, percepção, perguntas e dúvidas”⁸. Podemos falar da mística das pessoas que se aproximam intimamente do Mistério e que transparentam esta relação através de suas vidas totalmente dedicadas

a uma causa. Podemos falar de mística como aquilo que identifica e sustenta um grupo, na sua busca de responder aos desafios do seu momento histórico. A mística sustenta a busca de saídas para as situações desafiadoras, inspira e impulsiona a realização de projetos em defesa da vida ameaçada, em todas as suas formas e dimensões.

Ainda que a espiritualidade seja mais ampla que a mística, ambas brotam da experiência pessoal. Para a VRC, a mística do seguimento somente pode brotar da contemplação, escuta,

⁵ Milton Schwantes, em CEPAT *Informa*, ano XI - n°. 129, dezembro de 2005, p.6.

⁶ Pedro Casaldáliga e José Maria Vigil, *Espiritualidade da libertação - A libertação na história*, Petrópolis: Vozes, 3ª edição, 1994, p.25 (Coleção Teologia e Libertação).

⁷ A palavra “mistério” vem da raiz grega *muj* que significa “silêncio”, “fechar a boca”.

⁸ Idem, p.6.

acolhida e interiorização do chamado para o seguimento de Jesus de Nazaré.⁹ Ao percorrer a história da VRC, sempre encontramos a fé em Jesus e o desejo de segui-lo como o projeto básico e inspirador para a fundação de novas comunidades religiosas. As estruturas ou formas de viver este projeto são apenas meios para concretizá-lo na história, em determinados contextos sociais e eclesiais. Por isso, cada vez que as situações históricas exigem a mudança ou criação de novas formas de VRC, temos que voltar ao fundamento, à inspiração primeira, ao Jesus dos evangelhos, buscando de novo uma relação de intimidade iluminadora e libertadora com ele.

**A América Latina vive,
hoje, uma situação
sofisticada e crescente
de injustiça e
desigualdade social,
geradora de exclusão,
violência e morte.**

1. Jesus nos evangelhos

A América Latina vive, hoje, uma situação sofisticada e crescente de injustiça e desigualdade social, geradora de exclusão, violência e morte. Por estar vinculada ao mercado global, que promove o consumismo, a América Latina e o Caribe sofrem a influência da cultura do mercado com seus contra-valores que estimulam o individualismo e a competição, banalizando

o valor fundamental que é a vida em todas as suas dimensões.

Neste contexto, a V Conferência do CELAM pretende retomar e iluminar caminhos alternativos que conduzam à transformação social, através do encontro com Jesus Cristo, manifestação plena do Deus da vida. Também a CRB, na preparação da XXI Assembléia Geral, propõe que a VRC entre nos espaços em transformação e assuma sua vocação místico-profética,

colocando-se radicalmente a serviço da vida, a exemplo de Jesus de Nazaré. Esta entrega audaciosa somente será possível se for sustentada por uma íntima relação com o Jesus dos Evangelhos, isto é, pela mística do discipulado.

Para iluminar nossa busca de aprofundamento sobre esta mística, vamos retomar os traços marcantes do rosto de Jesus que marcaram a identidade das primeiras comunidades cristãs. Nos evangelhos, elas deixaram registros da sua busca de um conhecimento profundo da pessoa de Jesus, da atração que sentiam por ele, do mistério que se desvelava de sua vida, de seus ensinamentos e ações. Vamos retomar alguns dos traços do rosto de Jesus nos evangelhos para iluminar nossa busca, hoje.

⁹ Espiritualidade e mística não estão relacionadas somente ao cristianismo, nem mesmo à experiência religiosa. Elas podem expressar e dar força ao ideal humanitário de um grupo. Porém os interlocutores deste artigo são religiosos e religiosas. Em diálogo com eles/elas, busco responder à pergunta sobre a vivência da mística como força e inspiração da VRC.

1.1. A prática de Jesus inaugurando a justiça do Reino

Para a comunidade de Mateus, Jesus é o mestre que ensina a justiça do Reino através da sua prática e dos seus ensinamentos. Para Jesus, a demonstração visível e concreta da realização da justiça do Reino é a libertação dos pobres (Mt 8-10). Para realizá-la, Jesus sofre perseguição, é preso, condenado e morto. Sua ressurreição é o selo do Pai, confirmando toda a sua vida de doação e promulgando a nova lei da justiça do Reino.

Mas, parece que nem todos os discípulos de Jesus entenderam sua entrega total em favor da justiça do Reino. Entre os judeus que pertenciam à comunidade de Mateus, a palavra "justiça" era motivo de muita discussão. Para alguns, a justiça se referia à relação entre a pessoa e Deus. Uma relação orientada através da lei. Por isso, havia pessoas que controlavam as outras, observando se estavam cumprindo a lei e julgando as pessoas segundo estes critérios. Mateus mostra que Jesus é ao mesmo tempo livre e fiel na vivência e interpretação da lei. Jesus in-

"Se a justiça de vocês não for maior que a dos escribas e fariseus, vocês não entrarão no Reino dos Céus", disse Jesus (Mt 5,20).

siste em que só a pessoa que ama incondicionalmente o irmão e a irmã, está observando plenamente a lei. O julgamento farisaico precisa ser superado para que a lei possa ser cumprida e a justiça do Reino realizada: "Se a justiça de vocês não for maior que a dos escribas e fariseus, vocês não entrarão no Reino dos Céus", disse Jesus (Mt 5,20). O perdão que reconstrói as relações e a aceitação acolhedora das

diferentes maneiras das pessoas viverem e se relacionarem é o perfeito cumprimento da lei e também um aspecto importante da prática da justiça, através do reconhecimento dos direitos individuais (Mt 5,21-47).

Mas, a prática da justiça do Reino ultrapassa o simples reconhecimento dos direitos da pessoa humana, ela pede que se reconheça a presença de Jesus nos pobres e pequeninos e se viva a partilha solidária (Mt 25,34-40); pede a coragem para largar as falsas seguranças (Mt 8,18-22), o rompimento com o medo que entorpece a consciência e impede a pessoa de correr riscos para implantar a justiça (Mt 8,23-27); pede o fim dos privilégios do homem sobre o mulher (Mt 19,7-9) e a colocação dos dons a serviço da vida (Mt 25,14-30). Pede que se tenha uma postura ética incondicional (Mt 5,37-42; 7,13-14a), mesmo quando ela possa causar perdas ou retardar o alcance de uma justa causa.

Ocupada com os inúmeros serviços que presta à Igreja e à sociedade, a VRC nem sempre tem tempo para demorar-se diante de Jesus, o mestre da justiça, para contemplar sua prática e escutá-lo de novo. A rotina no cumprimento, às vezes até farisaico, da lei institucional acomoda a consciência e não permite que os questionamentos de Jesus sobre a lei da justiça do Reino provoquem a nossa conversão, colocando-nos sempre mais a serviço da libertação dos pobres. A preocupação de manter o poder religioso e os privilégios que obtivemos com nossa

consagração, não deixa que reconheçamos os direitos dos irmãos e irmãs e que sejamos capazes de arriscar-nos para salvar toda vida fragilizada e ameaçada, a exemplo de Jesus.

1.2. Jesus o “filho de homem”

No começo do evangelho de Marcos, Jesus é apresentado como “messias e filho de Deus” (Mc 1,1). Um soldado romano repete esta expressão ao professar sua fé aos pés da cruz, no momento da morte de Jesus (Mc 15,39). Esta repetição de que “Jesus é messias e filho de Deus” forma uma moldura ou inclusão para todo o evangelho de Marcos. Mas, no interior do evangelho, Jesus usa somente a expressão “filho de homem” para referir-se a si mesmo (Mc 2,10.28; 8,31.38; 9,9.12.31; 10,33.45; 13,26; 14,21.21.41.62). Muitas vezes a expressão “filho de homem” é repetida, do começo até o final do evangelho de Marcos. Esta repetição indica a importância que o título “filho de homem” tinha para a comunidade de Marcos. Certamente era uma expressão muito conhecida naquela época, pois fazia parte da linguagem simbólica do movimento apocalíptico (conferir Dn 7,13-14) que sustentava a teimosa esperança dos pobres. Na insistente repetição de Jesus, referindo-se a si mesmo como “filho de homem”, podemos inferir que ele se identificava com

Sempre enfocamos a divindade de Jesus como a misteriosa força propulsora do reinado de Deus. Porém, não podemos deixar de lado sua humanidade.

esta expressão e tinha como projeto realizar a esperança dos pobres, através da sua humanidade, proximidade, solidariedade. Ao congregar discípulos e discípulas para estar com ele e serem enviados em missão (Mc 3,14), Jesus coloca em andamento a semente desta nova humanização.

Sempre enfocamos a divindade de Jesus como a misteriosa força propulsora do reinado de Deus. Porém, não podemos deixar de lado sua humanidade. Se a expressão “filho de homem” é preferida por Jesus como a mais adequada para comunicar sua identidade, é porque tem a ver com seu projeto de humanização e de transformação das relações pessoais, sociais e religiosas, segundo o plano de Deus.

Na humanidade de Jesus esconde-se o mistério do Reino. Reinado de Deus que supõe uma nova maneira de viver e conviver, formando uma nova humanidade. A narrativa de Marcos deixa transparecer que esta nova humanização já está se realizando nas relações de Jesus com as pessoas pobres e desprezadas do seu tempo: relações de escuta e admiração; de acolhida e respeito; de inclusão e solidariedade.

Tendo sido escrito em uma época de guerras e massacres¹⁰, o evangelho de Marcos carrega esta utopia evangélica, este sonho de uma nova humanidade, vivenciado e comunicado por Jesus de Nazaré. Um sonho que é concretizado no cotidiano das frágeis relações entre os discípulos

¹⁰ A perseguição de comunidades cristãs, em Roma (64 d.C.); o massacre de Judeus em Alexandria, no Egito (66 d.C.); a guerra dos judeus e a destruição de Jerusalém (66-73 d.C.).

e discípulas, na comunidade de Marcos. Não são relações idealizadas, mas reais, vivenciadas dentro dos conflitos cotidianos.¹¹

A mística do discipulado, bebida em uma relação de íntima amizade com Jesus, o Cristo, potencializa a VRC para viver as novas relações do Reino. Em um mundo organizado a partir do mercado e do dinheiro, desafiado pela fragmentação das relações, pela deteriorização dos valores, pelo crescimento da violência, somos chamados a olhar para Jesus de Nazaré e rever nossas relações na comunidade e na missão. Os desafios são muitos, mas vale à pena o esforço. São estas relações novas que vão refazer o tecido da vida e construir a nova humanidade que sonhamos.

1.3. Jesus é Deus em visita ao seu povo

No evangelho de Lucas, Jesus é presença de Deus no meio dos pobres. Em Jesus de Nazaré, o Deus de Israel visita e redime o seu povo (Lc 1,68.78; 7,16; 19,44), com “entranhas de misericórdia”¹² (Lc 1,50.54.58.72.78; 15,4-32). Pela ação do Espírito, Deus se revela a todas as pessoas, através de Jesus e de suas relações com os sofredores do seu tempo.

No prólogo do seu evangelho, Lucas compôs dois grandes hinos para introduzir este tema central: são hinos cantados por Maria (Lc 1,46-55) e por Zacarias (Lc 1,68-79). O conteúdo principal destes hinos é que na pessoa de Jesus Deus realiza suas promessas e manifesta seu misericordioso coração.

A visita de Deus, em Jesus de Nazaré, é o começo da salvação e da paz para todos os povos. “Todas as pessoas verão a salvação de Deus” (Lc 3,6; Is 40,3-5). Não há mais separação entre pessoas puras e impuras, porque Deus se aproxima de todas, visita a todas, com a

mesma misericórdia. Foi o que aconteceu com Zaqueu, que apenas buscava ver Jesus, subindo em uma árvore. Então, ele se surpreende com a inédita proposta que Jesus lhe faz: “Zaqueu, desce depressa, porque hoje preciso ficar na sua casa” (Lc 19,5). Com imensa alegria, ele recebe a visita de Jesus e toma a decisão de mudar totalmente de vida. Esta Boa Nova precisava ser proclamada, para que fosse notícia boa para todas as pessoas que buscam. Por isso, Jesus disse: “Hoje, a salvação entrou nesta casa” (Lc 19,9-10). A visita gratuita e misericordiosa de Deus, em Jesus de Nazaré, é motivo de imensa alegria, não somente para Zaqueu, mas para todo o povo (Lc 1,14; 2,10; 10,17; 24,41).

A mística do discipulado, bebida em uma relação de íntima amizade com Jesus, o Cristo, potencializa a VRC para viver as novas relações do Reino.

¹¹Reconstruir relações num mundo ferido – Uma leitura de Marcos em perspectiva de relações novas, Rio de Janeiro: Publicações CRB, ERB, 2006, 168p.

¹²O verbo ‘velee,w tem o sentido de “compadecer-se de” e o adjetivo ‘veleh,mon tem o sentido de “ser compassivo, misericordioso”. Em Lc 1,78 encontra-se a expressão *spla,gcna evle,ous* que significa “entranhas de misericórdia”, uma característica de Deus.

A experiência da proximidade misericordiosa de Deus leva a multidão a vibrar de alegria e reconhecimento pelo dom recebido. Este é o sentido da palavra glorificar, também muito repetida nos evangelhos, especialmente em Lucas (Lc 2,20; 7,16;18,43).

A proximidade misericordiosa de Deus, revelada em Jesus de Nazaré, é o tema da parábola do samaritano¹³ (Lc 10,29-37), que interrompe sua viagem para fazer-se próximo de um homem caído à beira da estrada. Jesus diz que "as entranhas do samaritano se comoveram" ao ver aquele homem ferido (Lc 10,33) e se aproximou dele, cuidando-o atenciosamente (v.34). Ao contar esta parábola, Jesus provoca a participação dos seus ouvintes, para que reconheçam que o samaritano praticou uma que é própria de Deus. Então, ele os envia com a missão de fazerem-se próximos, através da misericórdia.

Não foram o sacerdote e o levita, os religiosos da época, que sinalizavam para a presença de Deus no mundo, em meio aos caídos e desprezados, mas alguém impedido pelo sistema religioso de entrar e participar no templo de Jerusalém. Esta é a sempre atualizada profecia de Jesus de Nazaré: denúncia e anúncio ao mesmo tempo.

**A experiência da
proximidade
misericordiosa de Deus
leva a multidão a vibrar
de alegria e
reconhecimento pelo
dom recebido. Este é o
sentido da palavra
glorificar, também
muito repetida nos
evangelhos,
especialmente em
Lucas.**

Hoje, a VRC corre o risco de se acostumar a ver corpos caídos, desfigurados, maltratados e passar adiante. A indiferença e a impotência diante de tanto sofrimento paralisam a criatividade das comunidades religiosas, para encontrar saídas para diminuir o sofrimento, mesmo que sejam alternativas pequeninas e humildes. O importante é que elas possam expressar o amor misericordioso de Deus, hoje, como fez Jesus de Nazaré, em seu tempo.

1.4. Jesus é amor sem limites

O evangelho de João acentua de maneira especial o amor incondicional de Jesus, que não volta atrás, quando os conflitos crescem e a ameaça da morte se torna eminente. O mesmo amor que o inspirou a assumir um projeto de vida plena para todas as pessoas (Jo 10,10) o sustenta na entrega de si mesmo até o fim (Jo 13,1). Com sua própria vida, Jesus afirma que "ninguém tem maior amor do que quem entrega a própria vida por seus amigos" (15,13). Jesus é o rosto humano de Deus Amor que deseja encontro, que se faz carne e vem morar em nosso meio (Jo 1,14). O mistério da encarnação é uma epifania

¹³Não gosto de usar o adjetivo "bom" para este samaritano. Primeiro, porque este adjetivo não aparece no texto. Lucas usa o termo "certo samaritano" (Lc 10,33). Segundo, porque manifesta uma visão preconceituosa em relação aos outros samaritanos do seu tempo. Se este samaritano é qualificado de bom, os outros seriam maus?

do amor e das suas conseqüências em nossa vida. Quando a comunidade joanina acentua, no contexto da cultura helenista, que Jesus se fez carne sarx (Jo 1,14), está realizando um inédito anúncio da novidade de Deus dentro da vida humana.

Para nós, hoje, que fomos formados em uma teologia metafísica, a **encarnação** resgata a importância da carne e tira de dentro de nós o desprezo pela materialidade, sobretudo o desprezo pelo corpo. A encarnação de Jesus mostra a importância do corpo, de todos os corpos, como dom fundamental para o encontro com Deus e com as pessoas. É no corpo que aprendemos a *dor* e o *amor*. As duas experiências que mais nos aproximam de Deus. Segundo Santo Irineu, Deus se faz carne para que nós possamos aspirar a ser divinos. Talvez um dos desafios para a mística do discipulado seja retomar a divindade presente em nossa humanidade. Quanto mais nos humanizamos, mais nos santificamos e sinalizamos a presença da Divindade no mundo.

No evangelho de João, Jesus mostra que o amor faz com que nossa paixão pelos pobres não seja trágica, nem triste, mas um compromisso alegre e cheio de esperança. O amor é o sentido mais profundo da nossa vida. Amor que é "ágape" (gratuidade, 'solidariedade, entrega desinteressada), mas que é também "eros" (desejo de Deus, de relações profundas entre as pessoas, desejo de amar e ser amadas), e "philia" (sentimento profundo e sincero de amizade

gratuita que só busca o bem da outra pessoa). Amizade que é vivida na experiência da diferença e da igualdade, da gratuidade, de intercâmbio e da ajuda mútua para o crescimento humano e para o desabrochar do amor pleno em cada pes-

soa. O amor vivido como serviço amoroso torna-se sacramento da presença de Jesus ressuscitado no mundo de hoje.

Recolhi apenas alguns traços do rosto de Jesus, do mistério divino/humano que se revela em sua pessoa, em suas relações, em seus ensinamentos. Aspectos que mostram o mistério do Reino de Deus acontecendo na simplicidade

da sua curta trajetória humana. Para viver esta misteriosa aventura, Jesus chama pessoas e pede que permaneçam no seu amor, abraçadas umas às outras como os ramos da videira, produzindo frutos de uma nova humanidade, divinizada pelas suas relações de abertura, igualdade, acolhida, tolerância, escuta... Cada Congregação Religiosa acentua, através do seu carisma, um traço do rosto de Jesus. Através da realização do seu carisma, dom de Deus para o povo, a VRC retoma a prática de Jesus e torna-se testemunha de sua entrega amorosa ao longo dos séculos.

A experiência de amar e de ser amados é fundamental para quem deseja viver com alegria sua consagração. A mística do discipulado é tecida no tear do amor, ao longo da nossa vida. Neste sentido, dizia São João da Cruz que no final da nossa vida seremos julgados pelo amor e não

**A encarnação
de Jesus mostra a
importância do corpo,
de todos os corpos,
como dom
fundamental para o
encontro com Deus e
com as pessoas. É no
corpo que aprendemos
a *dor* e o *amor*.**

pela perfeição: "À tarde, te examinarão sobre o amor"¹⁴. Um amor que se aprende na intimidade com Deus e na aceitação e acolhida incondicional de todas as pessoas.

2. A relação de iguais na mística do discipulado

Ao andar por cidades e aldeias, Jesus proclama a Boa Notícia do Reino de Deus, acompanhado por homens e mulheres (Lc 8,1-3), inaugurando assim um discipulado de iguais. Este grupo itinerante de pessoas, reunidas em torno de Jesus, sem distinção social (Mc 1,16-20; 2,13-14), nem de gênero (Mc 15,41-42), e sem a dominação de uns sobre outros (Mc 10,41-44) já é um testemunho vivo, uma amostra grátis da Boa Nova que Jesus está anunciando. A igualdade básica das relações vivenciadas no movimento de Jesus é uma profecia que irrompe na história como anúncio e revelação do amor misericordioso e sem limites de Deus por todas as criaturas, sem exclusões, discriminações, nem dominações. Este é um dos motivos que leva Jesus a proclamar: "o Reino de Deus já está entre vós!" (Lc17,21).

O anúncio de Jesus de que "os últimos serão os primeiros" (Mc 10,31; Mt 19,30. 20,16; Lc 13,30) aplica-se também às mulheres e à sua situação de inferioridade nas estruturas patriarcais.

**As relações de
inclusão e
reciprocidade,
vivenciadas entre as
pessoas que participam
do movimento de Jesus,
fazem com que a
salvação escatológica
torne-se uma realidade
experimentável no
presente de suas vidas.**

A transformação dessas estruturas faz parte da salvação gratuita de Deus. As relações de inclusão e reciprocidade, vivenciadas entre as pessoas que participam do movimento de Jesus, fazem com que a salvação escatológica torne-se uma realidade experimentável no presente de suas vidas. Estas relações desvelam que o poder do Reino de Deus realiza-se tanto na participação efetiva das mulheres no seguimento de Jesus, como na refeição comunitária de Jesus com pobres, publicanos e prostitutas, sem nenhuma preocupação com ritos purificatórios (Mc 2,15. 7,1-4; 14,23; Lc 15,2b. 19,7; Mt 9,10-13; 11,19). Ao mesmo tempo, o discipulado de iguais, inaugurado por Jesus, faz uma crítica contundente à estrutura hierárquica e excludente da religião do seu tempo, anunciando a Boa Notícia de que as mulheres têm a mes-

ma dignidade que os homens e igual possibilidade de viver a aventura do seguimento radical.

Mas, uma visão centralizadora e machista deixou na invisibilidade os poucos textos do evangelho que mostram a Boa Nova de Deus acontecendo no discipulado das mulheres, como um aspecto importante do Reino já em processo na história. Assim como na criação o ser humano, a imagem de Deus é formada pelo homem e a mulher (Gn 1,26-27), na nova comunidade formada por Jesus a manifestação da Boa Nova do Reino se dá na relação de

¹⁴São João da Cruz, *Obras completas, Ditos de luz e amor* 58, Petrópolis: Vozes, 1984, p. 98.

reciprocidade entre os dois sexos. O rosto de Deus se revela nas relações novas que superam discriminações e preconceitos de todo tipo e manifesta, com mais força que todas as palavras, a presença de Jesus Cristo ressuscitado no meio de nós. Estas relações novas são autenticadas pelo serviço amoroso a todas as pessoas, especialmente às mais pobres e excluídas. Este serviço deveria ser a característica mais forte da identidade da VRC, através dos seus esplêndidos e variados carismas.

3. Conclusão

Iluminada pela leitura orante do evangelho, a mística do discipulado se fortalece na contemplação diária do rosto de Jesus nos pobres, nas mulheres, negros, indígenas, homossexuais, enfermos, deficientes físicos. As primeiras comunidades cristãs nos lembram que Jesus de Nazaré anuncia a justiça do Reino e a promulga através da entrega total de sua vida na cruz. Durante sua vida terrena, Jesus realiza a esperança dos pobres pela sua proximidade misericordiosa e solidária. Ele é o rosto humano de Deus, lembrando-nos permanentemente que em nossa humanidade revela-se a Divindade. A contemplação de Jesus, a partir dos acontecimentos da vida, iluminada pelo evangelho, lembra

**Iluminada pela leitura
orante do evangelho, a
mística do discipulado
se fortalece na
contemplação diária
do rosto de Jesus nos
pobres, nas mulheres,
negros, indígenas,
homossexuais,
enfermos, deficientes
físicos.**

que a humanização é caminho de plenitude, de santidade. Uma santidade que se expressa na alegria de viver, de servir amorosamente, de contribuir para a plenitude de toda a criação de Deus, para a plenitude humana. Uma plenitude que pode ser experimentada por todo ser humano e pela qual anseia a criação inteira (Rm 8,19). Esta experiência de plenitude humana leva-nos a maravilhar-nos diante da vida, em todas as suas formas, cuidando-a carinhosamente, numa atitude de serviço amoroso e de solidariedade. Esta é a mística que nos fortalece como discípulos e missionários de Jesus, o Cristo, para fazer do mundo uma casa acolhedora para todos.

Estou convencida de que esta mística nasce da escuta, acolhida e interiorização das experiências de encontro com Jesus, no dia-a-dia da vida, em meio aos desafios e contradições pessoais e institucionais. Cresce através da leitura orante da Palavra de Deus na Bíblia e na vida, aprofundando-se na medida em que assumimos os desafios da realidade e buscamos dar respostas criativas ao clamor dos pobres. Ela supõe uma relação crescente de intimidade com Jesus de Nazaré, que “nos oferece um projeto comunitário de nova vida, desafiando-nos a assumir um compromisso na transformação pessoal e social da criação de Deus”¹⁵.

¹⁵ Elsa Tamez, *As mulheres no movimento de Jesus, o Cristo*, São Leopoldo: Clai/Sinodal, 2004, p. 5.

Neste momento histórico, caracteriza-
do pelo mercado global que incentiva um
consumismo exacerbado, criando desejos
que, para serem realizados, exigem a vio-
lação dos mais conhecidos princípios éti-
cos, é preciso re-descobrir a fonte de onde
mana a força para caminhar na contra
mão. A V Conferência do CELAM lembra
que o tempo presente exige reverência e
ousadia para colocar-nos a serviço da cons-
trução de uma sociedade pluralista, mais
ética e humanizada. A contribuição da
VRC para a construção de novas relações
em um mundo ferido¹⁶ supõe a retomada

e o aprofundamento da mística do
discipulado, no contexto atual. Esta mís-
tica nos sustenta na travessia, "lançando-
nos ao imprevisível com maior decisão e
profecia"¹⁷, a exemplo de Jesus, o Cristo.

Ir. Mercedes Lopes, MJC.

A autora é doutora em Bíblia
e Membro da Equipe de Reflexão Bíblica
(ERB) da CRB Nacional.

Endereço da autora:

Rua Major Barros, 57 - Vila Isabel
20551-240 Rio de Janeiro - RJ
E-mail: lopesmercedes@hotmail.com

**QUESTÕES PARA
AJUDAR A LEITURA
INDIVIDUAL OU
O DEBATE EM
COMUNIDADE**

- 1 - A sua comunidade tem refletido sobre a temática central da V Conferência? Que aspectos você salientaria como mais desafiantes no seu contexto?
- 2 - No seu entender, que traços do rosto de Jesus precisam ser resgatados com mais empenho na prática das comunidades hoje?
- 3 - Que se pode fazer nas comunidades para re-criar hoje a prática histórica de Jesus em relação com os pobres e a causa da justiça?

¹⁶Reconstruir relações num mundo ferido – Uma leitura de Marcos em perspectiva de relações novas, Equipe de reflexão bíblica/ERB, Rio de Janeiro: Publicações CRB, 2006.

¹⁷Ir. Maris Bolzan, sds, na introdução ao Documento Base para a XXI AGO, Publicações CRB, 2007, p.6.

Introdução

Ser discípulos do único Senhor tem sido um desafio permanente para os cristãos de todas as épocas e lugares. Porém em cada período este desafio teve dimensões especiais. Neste número monográfico da revista solicitaram que eu sugerisse qual deveria ser o perfil do discípulo e do missionário à luz da atual realidade latino-americana. Sem dúvidas ao tentar cumprir este propósito, cada um o faz partindo da sua particular sensibilidade e ponto de vista. A minha reflexão, por isso mesmo, está “situada” em uma experiência muito pessoal, desejando iluminar o caminho comum, mas sem pretender erigir-se como norma para os outros.

I. Ser discípulos nesta Igreja concreta

Começando a reflexão, a primeira coisa que me resulta evidente é que o tema do discipulado não pode ser abordado no singular. Eu acho impossível dizer algo

sobre o discípulo ou o missionário, sem dizer, ao mesmo tempo, algo sobre a comunidade eclesial em que esta pessoa se situa. Falar de discípulos é falar em primeiro lugar de uma Igreja na qual estes homens e mulheres vivem e alimentam sua fé.

A partir da Conferência de Medellín, em 1968, está se desenhando um novo rosto da Igreja na América Latina. Um rosto desejado, sonhado; em parte já realizado, em parte ainda dolorosamente esperado. Vivemos com o desejo de uma Igreja profundamente comunitária, fraterna, acolhedora, na qual todos possamos verdadeiramente nos sentirmos e reconhecermos como irmãos. Uma Igreja que torne realidade uma fraternidade ancorada na comum experiência batismal, mais importante que todas as legítimas diversidades que de fato existem entre seus membros². Uma Igreja que se configure como uma rede de comunidades cristãs de base, profundamente fraternas, porque nelas todos se reconhecem como filhos e filhas de um mesmo Pai, com igual dignidade: a dignidade que provém do amor gratuito e imerecido

¹ Traduzido de “Testimonio” n. 216, julio-agosto 2006, pp. 68 - 76.

² Como diz a Conferência de Medellín nas suas conclusões: “A revisão que se deve fazer hoje em nossa situação continental, tem que ser inspirada e orientada por duas idéias diretrizes muito sublinhadas no Concílio: a de comunhão e a de catolicidade. Efetivamente, a Igreja é, antes de tudo, um mistério de comunhão católica, pois no seio de sua comunidade visível, pelo chamado da Palavra de Deus e pela graça dos seus sacramentos, particularmente da Eucaristia, todos os homens podem participar fraternalmente da comum dignidade de filhos de Deus, e todos podem também partilhar a responsabilidade e o trabalho para realizar a comum missão de testemunhar o Deus que os salvou e os fez irmãos em Cristo” (Medellín, 15. Pastoral de conjunto, N° 5 e 6).

de Deus, em quem todos encontramos salvação. Uma Igreja reunida ao redor da Palavra de Deus, que encontra nela uma força vivificante que transforma as pessoas e as torna mensageiras do Evangelho. Uma Igreja que vive em seu seio uma pluralidade de mistérios suscitados pelo próprio Espírito, e que reconhece em todos a mesma paixão para proclamar a misericórdia de Deus àqueles que ainda não a acolheram. Uma Igreja inserida na realidade de seus próprios povos, com uma atenção evangelicamente preferencial pelos pobres, pelos marginalizados, pelos desprezados, já que vê

neles manifesto o rosto do Cristo sofredor que nos interpela³. Definitivamente, a busca de uma Igreja na qual todo crente, incluindo os mais pobres e os pecadores, possa se sentir "em casa"; uma Igreja acolhedora, mas ao mesmo tempo formadora: que ajude a crescer no conhecimento do verdadeiro rosto de Deus, que nos foi manifestado em Jesus; que ajude a aprofundar à luz de Cristo a vivência de uma autêntica humanização e que leve a uma dinâmica missionária e testemunhal que nasce da alegria do encontro com Jesus como o Messias esperado.

**Uma Igreja reunida ao
redor da Palavra de
Deus, que encontra nela
uma força vivificante
que transforma as
pessoas e as torna
mensageiras do
Evangelho.**

Ser discípulos e missionários de Jesus Cristo hoje tem a ver, fundamentalmente, com esta experiência de ser Igreja. Não é uma vivência individualista, que possa prescindir da concreta realidade eclesial de cada lugar. O povo latino-americano é profundamente católico e por isso tem interiorizado o sentido comunitário de sua fé: Deus não nos salva um por um, isoladamente, mas como povo⁴.

Por isso mesmo é possível decidir que, sem suprimir a liberdade e as responsabilidades pessoais, a vivência concreta da comunidade eclesial em seu conjunto é o espaço mais significativo

para estimular ou entorpecer uma vivência em profundidade do discipulado cristão.

II. Três dimensões fundamentais

Sobre este pano de fundo é preciso sugerir alguns aspectos fundamentais do perfil do discípulo e do missionário no contexto desta Igreja latino-americana que se prepara para celebrar a V Conferência Geral do Episcopado. Quero assinalar em primeiro lugar três dimensões que me

³ O texto dos rostos sofredores de Cristo, no documento de Puebla Nº 31 - 39, é de uma profundidade espiritual e teológica tal, que constitui um autêntico marco magisterial da Igreja latino-americana.

⁴ Recordar, neste contexto, a conhecida passagem do Concílio Vaticano II na Lumen Gentium Nº 9: "Em todo tempo e lugar são aceitos a Deus os que o temem e praticam a justiça (cf. Atos dos Apóstolos 10,35). O Senhor quis, sem dúvida, santificar e salvar os homens não individualmente e isolados entre si, mas constituir com eles um povo que o conheça na verdade e o sirva santamente."

parecem fundamentais a toda experiência de discipulado.

1. A condição mais básica do discípulo é a de um homem ou mulher que, tendo se encontrado pessoalmente com Jesus, experimentou uma autêntica fascinação por ele. Este encontro mudou sua vida de um modo radical. Os evangelhos o expressam dizendo que, deixando tudo, o seguiram. Ao mesmo tempo, os textos evangélicos nos falam da profunda admiração que Jesus produzia em quem escutava as suas palavras e o viam agir. O discipulado se enraíza nesta experiência profundamente pessoal, intransferível de ter se encontrado com alguém que marcou um antes e um depois em minha vida. Trata-se de uma experiência que pode se situar em diversos momentos da vida, porém sem a qual não se pode falar de um discípulo propriamente dito. E talvez este seja um desafio muito básico de nossa realidade: ajudar-nos a passar da experiência de pertencer a "uma religião", à experiência de "ser discípulos" de Jesus de Nazaré. Na minha opinião, sem este encontro profundamente pessoal e fascinante com o rosto de Deus manifestado em Jesus, estamos ainda nas etapas iniciais da fé. Tudo aquilo que contribui para que esta experiência seja possível para o maior número possível de pessoas, é um ganho.

A vida cristã não é a simples adesão a uma doutrina, nem a simples fidelidade a uma ética; é o encontro com Jesus que mexe com toda a nossa existência e nos desafia a uma "conversão"

A vida cristã não é a simples adesão a uma doutrina, nem a simples fidelidade a uma ética; é o encontro com Jesus que mexe com toda a nossa existência e nos desafia a uma "conversão".

(*metánoia*: aprender a ver a globalidade da realidade de outro ponto de vista). As narrativas da conversão do apóstolo Paulo podem ser consideradas como paradigma permanente do discipulado cristão (ver os relatos de Atos dos Apóstolos 9, 1-19; 22, 1-21; 26, 9-18).

2. O encontro com Jesus reverte necessariamente em uma consciência nova sobre si mesmo. Na consciência da própria fragilidade, do próprio pecado; e diante deles da graça, da bondade e misericórdia de Deus. O evangelista Lucas insiste neste tema quando nos apresenta a vocação dos discípulos depois de uma noite de trabalho sem resultados, que culmina com a pesca milagrosa quando se deixam conduzir pela palavra de Jesus. Pedro, permanente porta-voz do grupo, responde de imediato: "afasta-te de mim, Senhor, porque sou pecador", ao que Jesus responde: "Não temas. A partir de hoje serás pescador de homens" (ver Lucas 5, 1-11). Não é a consciência das próprias capacidades o

que motiva a se fazer discípulos de Jesus, "para ajudá-lo em sua obra". Muito pelo contrário, é a experiência da própria fragilidade que impele a ir atrás dele, para encontrar sentido e sustento para a própria vida. "Senhor, a quem iremos? Só tu tens palavras de vida eterna" (João 6,68). Ou, como assinala o apóstolo Paulo: "Te basta a mi-

nha graça, a minha força se manifesta na tua fragilidade" (2Cor 12,9). A mais fiel das discípulas de Jesus, Maria de Mágdala, é uma mulher da qual Jesus expulsou sete

demônios, renovando inteiramente a sua vida (ver Lucas 8, 2; Marcos 16, 9). O discípulo é alguém que a partir do encontro com Jesus aprendeu a compreender-se a si mesmo de um modo novo. Aprendeu a pôr a sua segurança não nas suas próprias forças ou méritos, mas na força de Deus; ao ponto que a honesta confissão de sua própria fragilidade é pre-

O discípulo é alguém que a partir do encontro com Jesus aprendeu a compreender-se a si mesmo de um modo novo. Aprendeu a pôr a sua segurança não nas suas próprias forças ou méritos, mas na força de Deus...

porém nada justifica a sua auto-suficiência e desprezo? Como aprofundar a experiência eclesial de ser comunidade de pecadores perdoados convidados a perdoar os irmãos?⁶.

3. Fazer-se discípulo de Jesus leva a entrar num novo modo de pertencer à comunidade humana. É o fim do velho e limitado conceito de próximo, para ser con-

vidado a entrar em uma atitude de paixão diante de todo necessitado de qualquer tipo e condição⁷.

Dá-se assim, a passagem para uma nova experiência de comunidade, de fraternidade de irmãos que se reconhecem como filhos do mesmo Pai⁸, e que ao experimentar a alegria da salvação se fazem mensageiros das boas novas pessoalmente vividas. Jesus vai chamando os discípulos, um

⁵ É novamente o evangelista Lucas, que escreve a partir de uma realidade eclesial já ampla, e que conhece os desgastes e os desvios que a passagem do tempo vai produzindo na experiência do discipulado, que nos oferece textos esclarecedores sobre esta temática: a parábola do fariseu e o publicano (Lucas 18,9-14) e a parábola do Filho pródigo, que tem como destinatário o irmão maior, que em razão de sua fidelidade se acha com o direito de desprezar seu irmão fraco e pecador (Lucas 15,11-32).

⁶ São Mateus coloca este tema como elemento conclusivo, como ápice do "discurso de comunidade" com a parábola do servo sem piedade que não sabe perdoar seu companheiro (Mt 18,23-35). É o mesmo tema que São Lucas trata no episódio de 7, 36-50, com a parábola dos devedores: a quem foi perdoada uma dívida muito grande é quem atua como autêntico discípulo.

⁷ Este é o sentido da parábola do Bom Samaritano, resposta à pergunta inicial de um mestre da Lei: "O que tenho que fazer para ter como herança a vida eterna?" (Lucas 10,25-37). Esta parábola fundamenta o conceito cristão de próximo, transformando profundamente a concepção judia. A pergunta realmente importante não é a de "quem é o meu próximo?" mas sim "de quem me fiz próximo?" o texto de Mateus 25,31-46, com as perguntas desconcertadas, tanto dos justos como dos desprezados, se situa nesta mesma temática.

⁸ Na sua polémica anti-farisaica, o evangelista Mateus estabelece com força esta temática: a ninguém chamem de pai, nem de mestre, nem de conselheiro, por duas razões: porque vocês

a um, para integrá-los no grupo dos seus seguidores, não para que cada um siga na sua vida individual (ver João 1,35-51). O complexo processo de integração do apóstolo Paulo à vida da comunidade cristã depois de sua conversão é uma esplêndida concretização dessa dimensão do discipulado (entre muitos textos ver: Atos dos Apóstolos 7,58; 9,10-30; 11,25-50; 13,1-3; Gálatas 1,11-2,14; 1 Timóteo 1,12-17). A primeira comunidade de Jerusalém também compreendeu deste modo a experiência do discipulado: é um compartilhar a vida inteira (ver Atos dos Apóstolos 2,42-47; 4,32-35; 5,12-16). O encontro com Jesus que transforma a vida estimula o discípulo a tornar-se missionário e testemunha daquilo que viu e ouviu. Os evangelhos falam muitas vezes da admiração que leva a anunciar aos outros o que se viveu. O evangelista João nos mostra esta atitude de modo paradigmático nos episódios da mulher samaritana e do cego de nascença (João 4,39-42; 9,1-38). E hoje, a experiência do encontro com Jesus é tão intensa que efetivamente transforma a nossa vida e nos leva a ser testemunhas daquilo que o Senhor fez conosco? Se a missão não surge desta experiência pessoal, está muito ameaçada de transformar-se em simples proselitismo, e inclusive de chegar a usar armas de pressão para levar a uma confissão de fé. A história nos mostra que estes riscos não têm sido puramente teóricos.

III. Aterrissando na nossa realidade

No horizonte destas três linhas fundamentais do discipulado cristão, sugiro a seguir alguns aspectos mais concretos e enraizados na nossa experiência. Trata-se de sete aspectos da experiência cristã que hoje me parecem especialmente importantes. Certamente não são os únicos, porém acho que podem ser dimensões que no momento atual dão uma cor particular à nossa experiência cristã.

1. A raiz que dá força ao discípulo cristão é o conhecimento do amor de Deus e a confiança nele. Amor gratuito, imerecido, que constrói a experiência mais fundamental da nossa existência (ver 1 João 4, 16). Abandonar-se ao amor de Deus é uma longa e completa tarefa que dura toda a vida. Mas na medida em que se vai avançando nesta linha a vida começa a adquirir um sabor novo. Vai deixando de ser a penosa e impossível tarefa de lutar para alcançar uma certa dignidade que nos faça aceitáveis a Deus, para ir se transformando na alegre experiência de “estar com Jesus”. E quando uma pessoa experimenta de modo vital que tudo é dom e graça, será possível fazer da própria vida um dom para os outros; uma entrega sem esperar nada em troca.

2. Na linha do que foi dito acima é claro que se o crente atual não cultiva de modo permanente uma profunda experiência de

têm um único Pai, Mestre e Conselheiro, e porque todos vocês são irmãos (Mateus 23, 8-10). Mais além da questão das palavras em si, que certamente estão impregnadas de conotações culturais mutáveis, aqui há uma verdade essencial que a Igreja não pode esquecer jamais, uma vez que ela é que torna possível a compreensão de toda a vida como serviço (ver Mateus 23, 11-12), não como dominação de uns sobre outros (ver Marcos 10, 41-45 e paralelos, que é um texto diretamente dirigido às autoridades da comunidade cristã, não às autoridades civis).

Deus, apropriada ao seu tempo e à sua realidade pessoal, um autêntico caminho de fé se torna quase impossível. É o que Karl Rahner assinalou de modo tão plástico ao dizer que o crente do século XXI precisa ser um místico, ou simplesmente não será um crente. Nestes tempos, se não for a experiência de Deus a raiz básica e permanentemente cultivada pelo discipulado, este se torna impossível.

3. O crente atual precisa ser um homem com coração, no sentido bíblico do termo. Ou seja, com um centro pessoal, com uma raiz clara a partir da qual brotem as suas decisões. Ser discípulo nunca é fácil; têm-se que enfrentar numerosas contradições. Se alguém não aprendeu a controlar o seu interior no encontro com o Senhor, ao pretender ser discípulo se verá envolvido e seduzido por todo tipo de tentações. Se os primeiros discípulos de Jesus precisaram fazer um longo itinerário de consolidação interior para poder acompanhá-lo no caminho a Jerusalém, hoje não estamos dispensados disso. Entre as coisas que Jesus assinalou explicitamente aos seus seguidores, é que sofreriam contradições, já que o discípulo não é maior que seu mestre. Daqui surge a necessidade de moderar o próprio coração para ir de acordo com a fidelidade a Deus; de trabalhar pela consistência humana da própria vida.

4. O discípulo é alguém que aprendeu a superar o medo. Jesus insiste: "Não tenham medo" (ver Marcos 4, 35-41; Mateus

**... Se o crente atual não
cultiva de modo
permanente uma
profunda experiência de
Deus, apropriada ao seu
tempo e à sua realidade
pessoal, um autêntico
caminho de fé se torna
quase impossível.**

9, 23-27; 14, 22-33; Lucas 8, 22-25; João 6, 16-21; também Mateus 25,25; Lucas 19, 21; Marcos 9, 32; 10, 32; João 14, 27; Mateus 6, 25-34; 10, 26-31; Lucas 12, 4-7.22-32; etc.). É que no presente é tão fácil se assustar e ter medo! São tantas as coisas que nos inquietam, mas bem sabemos

que o medo leva a agir torpemente e a perder o sentido da realidade. O discípulo é aquele que, entregue ao seu Senhor, aprendeu a perder o medo. É o que sabe ver a realidade com suas luzes e suas sombras, mas com serenidade. Nestes tempos de tantos medos, precisamos ser pessoas que transpareçam sua confiança em Deus e sua confiança no ser humano.

Cada pessoa é criatura de Deus, que merece respeito, atenção e valorização.

5. Nestes tempos obscuros e imprevisíveis, o discípulo é desafiado a ser o homem da esperança. O mundo não está à deriva; está nas mãos de um Deus providente. É verdade que o mistério do pecado atravessa toda a história, porém isto não significa que vamos sempre de mal a pior. E o Deus providente sabe tirar o bem do mal. Se o discípulo carece de um olhar teologicamente esperançoso, transforma-se em um profeta de calamidades e em um censor dos seus irmãos. O olhar de esperança permite reconhecer e cuidar dos sinais da vida nova, os sinais da obra de Deus, que de outro modo ficam ocultos ao nosso olhar.

6. Ao olhar de esperança, vai junto a compaixão. O discípulo precisa aprender

com Jesus o que significa a compaixão cristã. Essa capacidade de fazer própria a dor do outro, inclusive naquilo que tem de mais obscuro. Como Jesus que carregou as nossas fraquezas e debilidades (ver Mateus 8, 17). A dor do pobre humilhado e menosprezado. A dor do pecador, incapaz de estar à altura de sua vocação. A dor do desorientado que não sabe o que fazer de sua vida. O sofrimento de quem é incapaz de dar um sentido coerente à própria vida. O sofrimento de quem é discriminado por suas condições pessoais, etc. A compaixão não deixa de lado nenhum tipo de dor; mais ainda, sabe que o universo do sofrimento é de uma amplitude quase infinita. O discípulo é hoje convidado a ser testemunha da misericórdia e da compaixão de Deus, consciente de que este é o caminho mais eficaz para levar à conversão pessoal.

7. O discípulo é chamado a ser um homem e uma mulher que viva profundamente a experiência de fraternidade. Um construtor de laços, de comunidade, de interação das pessoas. Alguém que ajude a derrubar muros (ver Efésios 2,14) e a estabelecer pontes no meio desta realidade já tão fragmentada. Alguém que não se assuste diante da diversidade e da pluralidade, mas que saiba integrá-las respeitosa-mente em um todo dinamizado pela força do Espírito. Alguém acolhedor, dialogante, compreensivo, que aprendeu a reconhecer que estas são ferramentas fundamentais para construir a fraternidade no respeito e na justiça.

**Nestes tempos obscuros
e imprevisíveis, o
discípulo é desafiado a
ser o homem da
esperança. O mundo
não está à deriva; está
nas mãos de um Deus
providente.**

A modo de conclusão

O elenco anterior poderia facilmente se duplicar o triplicar na extensão. É possível que a própria leitura destes aspectos tenha suscitado uma reflexão sobre outras facetas igualmente importantes e interessantes. É que somos desafiados a redescobrir o rosto do discipulado para esta nossa América. Discípulos profundamente unidos ao seu Senhor na alegria do amor gratuito de Deus que dá fundamento a suas vidas. Discípulos que a partir do encontro com Jesus têm vivido um processo de conversão que renovou por inteiro seu modo de viver e de se relacionar com os outros. Discípulos que fizeram suas as grandes opções e paixões de seu Senhor: o reino de Deus, o senhorio e a paternidade de Deus, os pobres, a justiça, a fraternidade humana, a misericórdia diante dos desamparados e dos pecadores, etc. Discípulos aos quais a fascinação por Jesus os impede de guardar para si o tesouro que encontraram e os faz testemunhas alegres do que Deus está fazendo no mundo (ver João 1, 1-4).

O Concílio Vaticano II e a sua encarnação na América Latina na Conferência de Medellín assinalaram claramen-

te que a vida cristã é inseparável do trabalho pela Paz e pela Justiça. A Conferência de Puebla deu uma contribuição vital ao nos ajudar a reconhecer os rostos do Cristo sofredor nesta nossa realidade. Se a próxima Conferência de Aparecida, em continuidade com este prévio

caminhar, nos ajudar a aperfeiçoar mais o rosto do discípulo de Jesus no século XXI desta nossa realidade, dará outra contribuição fundamental para o amadurecimento da nossa experiência cristã latino-americana. Que o Espírito nos ajude a todos a discernir seu sopro e a nos fazermos dóceis a ele.

Quadros dentro do texto:

Quadro 1:

"O discipulado se enraíza nesta experiência profundamente pessoal, intransferível de ter se encontrado com alguém que marcou um antes e um depois em minha vida".

Quadro 2:

"Fazer-se discípulo de Jesus leva a entrar

num novo modo de pertencer à comunidade humana".

Quadro 3:

"Nestes tempos obscuros e imprevisíveis, o discípulo é desafiado a ser o homem da esperança".

Quadro 4:

"O discípulo é chamado a ser um homem e uma mulher que viva profundamente a experiência de fraternidade".

Eduardo Peres-Cotapos é teólogo,
ex-presidente da Conferência
de Religiosos do Chile (CONFERRE)

Endereço do autor:

Dieciocho 136
Casilla 9501
Santiago - Chile

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE

- 1 - Para redescobrir o rosto do discípulo/a na América Latina hoje, o que você sublinharia das afirmações do autor?
- 2 - Nesta Igreja latino-americana de hoje, que aspectos você acha importantes para ser discípulo/a?
- 3 - Dos sete aspectos que o autor aponta no capítulo III, quais lhe parecem imprescindíveis hoje para renovar nossa vida religiosa como discípulos e seguidores de Jesus Cristo?

Violência, desejo e a crise do sistema capitalista

JUNG MO SUNG

Recentemente, ficamos chocados com a morte do menino João Hélio, de seis anos, que foi arrastado por seis quilômetros por vários bairros de Rio de Janeiro, pendurado do lado de fora do carro que os assaltantes tinham tomado da sua mãe. No final do ano passado, também ficamos assustados e escandalizados com a notícia de uma família, do interior de estado de São Paulo, que foi queimada dentro do carro pelos assaltantes que roubaram 20 mil reais do cofre da loja onde a mãe era a gerente. Ano passado também foi marcado pelos ataques da facção criminosa PCC na cidade de São Paulo.

O que nos choca mais nesses fatos não é a ocorrência de atos violentos ou a violência em si – afinal a história da humanidade sempre foi marcada pela violência –, mas sim o “absurdo”, a desproporção destas violências em relação aos objetivos conscientes ou inconscientes dos seus perpetradores. Assalto de carros, sempre tivemos. Mas, andar seis quilômetros, rodando pelas ruas de diversos bairros, com uma criança pendurada do lado de fora, com seus gritos e o barulho do corpo chocando na carroceria do carro e no asfalto, isto é demais! Roubar uma loja levando a gerente e a operadora do caixa para abrir o cofre, também não é inédito e nem tão absurdo. Mas, logo após o roubo queimar toda a família, incluindo uma criança, dentro do carro; isto é absurdo, não faz sentido.

Infelizmente sabemos que os casos acima relatados não são únicos, são somente alguns exemplos mais conhecidos porque ocuparam um espaço grande na cobertura das mídias. Muita gente conhece também outros casos, como mortes por causa de uma pequena discussão de trânsito ou por um par de tênis. Algo está ocorrendo na nossa sociedade, que vai além do simples aumento da violência ou de crimes. Antes, porém, de fazermos algumas reflexões sobre esse “algo a mais”, é importante lembrarmos de alguns fatos internacionais que também vão nesta direção para percebermos a amplitude e a profundidade do problema. Em 1994 tivemos o genocídio em Ruanda, que causou a morte de mais de oitocentas mil pessoas e milhões de refugiados. Em 2001 tivemos o ataque de 11 de setembro às torres gêmeas de Nova Iorque, que matou quase três mil pessoas, e que foi respondida pelos EUA com as guerras contra Afeganistão e depois contra Iraque, que já causaram até agora mais de cem mil mortes. Tanto o genocídio de Ruanda, quanto o ataque às torres gêmeas e a resposta militar dos EUA foram desproporcionais, ou pelo menos muito acima do que poderíamos esperar – racionalmente falando – a partir das possíveis “análises de conjuntura” ou de expectativas racionais.

Em suma, eu quero destacar aqui o fato de que, com bastante probabilidade, estamos vivendo um período de crescente

número de violências “desproporcionais”, seja no âmbito do cotidiano, seja no âmbito do cenário internacional. Eu penso que esta “desproporcionalidade” merece nossa atenção, pois pode ser sinal de que algo mais sério e profundo está passando com o nosso sistema social ou até mesmo com a nossa atual civilização. Por isso, eu quero abordar neste artigo o tema da violência enfocando mais a relação entre este caráter de desproporcionalidade e a crise da nossa civilização, e as possíveis contribuições do cristianismo e da vida religiosa em particular. De uma certa forma, este artigo complementa um outro, *Violência e ação pastoral*, publicado anteriormente nessa mesma revista¹.

... estamos vivendo um período de crescente número de violências “desproporcionais”, seja no âmbito do cotidiano, seja no âmbito do cenário internacional.

I. Enfrentar a violência tornada invisível.

Diante de tanta violência, nós nos sentimos indignados e surpresos. Na verdade, a surpresa e indignação não são somente com as violências “absurdas”, mas com todo tipo de violência. É como se nós tivéssemos a expectativa ou até mesmo quase a certeza de que vivemos ou deveríamos viver em um mundo sem violência.

Não estou querendo dizer que não devemos desejar viver em um mundo sem violência, mas uma coisa é desejar, outra é crer que vivemos em uma civilização que foi capaz de banir a violência, que estaria voltando somente por causa de bandidos, terroristas ou pessoas e grupos que ainda não foram humanizados, civilizados ou convertidos. A culpa da violência seria

destas pessoas que precisariam ser banidas do convívio social (temporariamente através da prisão ou permanentemente com a pena de morte), reeducadas ou então convertidas ao cristianismo ou à civilização ocidental. Provavelmente é esta crença de que a nossa civilização moderna, cristã e ociden-

tal é não-violenta que nos faz ficarmos tão surpresos diante da violência.

Entretanto, como diz Zygmunt Bauman, “o caráter não-violento da civilização moderna é uma ilusão. Mais exatamente, é parte integrante da sua auto-apologia e auto-apoteose, ou seja, do seu mito legitimador. Não é verdade que a nossa civilização extermine a violência devida ao caráter desumano, degradante ou imoral da anterior. [...] O que de fato aconteceu no curso do processo civilizador foi a reutilização da violência e redistribuição do acesso à violência.”² Isto é, a civilização

¹ “Violência e ação pastoral”, *Convergência*, Rio de Janeiro, ano XXXVII, n. 350, mar/2002, pp. 103-114. Este mesmo texto foi publicado também no livro *Sementes de Esperança: a fé em um mundo em crise*. Vozes, 2005.

² BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e holocausto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998, pp. 120-121.

ocidental moderna se auto-denominou não-violenta para derrotar o sistema feudal na Europa e dominar outras partes do mundo em nome da expansão desta civilização pretensamente não-violenta. A violência da colonização – que explorou os recursos naturais e o trabalho dos povos colonizados; reduziu os índios, negros e asiáticos a uma condição de seres humanos de segunda categoria ou de sub-humanos; e desqualificou todo conhecimento que não fosse a “ciência moderna ocidental”³ – foi realizada e legitimada primeiro em nome da evangelização e depois da expansão da civilização não-violenta.

Na medida em que a violência da modernidade capitalista era afirmada e realizada em nome da civilização – entendida como não-violência –, a sociedade foi treinada a abominar a violência e ela se tornou invisível, apesar de não desaparecer da existência. A violência visível era só dos ainda “não-civilizados”. Esta é uma das razões que, mesmo no campo teórico, há tão poucos estudos e debates sobre a violência e somente nos últimos tempos começam a aparecer estudos mais sérios sobre o assunto.

Mesmo no campo da teologia e das reflexões pastorais, a violência só começou a ser discutida mais recentemente. É claro

que as primeiras discussões foram sobre a violência cometidas pelos criminosos, pelos marginais, pelos que estando à margem ainda não tinham sido cristianizados de verdade ou civilizados. O estranho é que a Bíblia é um livro marcado pela violência. O tema da violência perpassa toda a Bíblia, começando pelo assassinato de Abel pelo seu irmão Caim (Gn 4,1-16), passando pelo Lamec, que se vangloria por matar “um homem por uma ferida, uma criança por uma contusão” (Gn 4,23), e

os profetas que são torturados e mortos, culminando com a morte violenta de Jesus na cruz e a violência presente no Apocalipse.

É claro que a Bíblia não é um livro de apologia da violência, mas não a mascara e nem a esconde. Pois é do interesse das ideologias dominantes mascarar e ocultar a violência que perpassa a sociedade e oprime os mais frágeis.

Por isso, a Bíblia torna a violência visível para desmascarar estas ideologias e enfrentá-la, gerando esperança e força para os pobres e as vítimas. Não se pode celebrar a esperança e a vida sem enfrentar explicitamente a violência e a opressão.

Milton Schwantes, em um pequeno e belo livro sobre a esperança nos primeiros capítulos do livro de Gênesis diz: “A vida

**... A civilização
ocidental moderna se
auto-denominou não-
violenta para derrotar o
sistema feudal na
Europa e dominar
outras partes do mundo
em nome da expansão
desta civilização
pretensamente não-
violenta.**

³ Sobre o tema da colonialidade e colonização, vide por ex. SANTOS, Boaventura de Sousa. *A gramática do tempo: para uma nova cultura política*. São Paulo: Cortez, 2006, pp. 25-48; MIGNOLO, Walter D. *Histórias locais / Projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Belo Horizonte: UFMG, 2003; Idem. *The Idea of Latin America*. Malden-Oxford: Blackwell, 2005.

vivida é fator de esperança. Por isso, o Antigo Testamento denuncia tão enfática e fanaticamente a opressão. Opõe-se à violência contra a mulher, como podemos ler nas histórias de Hagar (Gn 16,1-8, 10-14; 21,1-21). Contesta a prática do trabalho forçado, como verificamos na libertação dos hebreus (Ex 1-15). Grita contra o massacre dos pobres, na voz profética de Amós (Am 2,6-8; 3,9; 4,1, etc.) [...]. Portanto, defesa e celebração da vida são tônicas constantes no Antigo Testamento. E o Novo não é diferente.”⁴

Em outras palavras, não se pode gerar uma verdadeira esperança às vítimas das dominações sem reconhecer a ocorrência e denunciar enfaticamente as opressões, as violências cometidas contra as mulheres, os pobres, os imigrantes, negros, índios, homossexuais, etc..

Sem revelarmos a violência interna à civilização moderna ocidental, dita cristã, tornada ausente ou invisível pelas ciências e ideologias modernas (incluindo aqui uma boa parte da própria teologia) não podemos lutar de uma forma real em favor da vida dos mais frágeis. Em outras palavras, a nossa luta por uma sociedade mais humana e justa não pode nos levar a um certo tipo de otimismo ingênuo que não vê, porque não deseja ver, a presença permanente da violência e do mal na história humana. Pois, este otimismo seria simplesmente um reforço às ideologias da dominação.

**Não se pode
celebrar a esperança e a
vida sem enfrentar
explicitamente a
violência e a opressão.**

Um verdadeiro compromisso com a luta pela vida e dignidade das vítimas requer a vivência de uma religião não infantilizada, uma religião que não nega, não invisibiliza e nem esconde a realidade da presença da violência e do mal. Seja esta negação feita

em nome da fé na libertação, de vagas promessas sobre a soberania de Deus na história ou, então, de “aleluias e glórias” que desviam os nossos olhares da realidade humana. Eu sei que a religião infantil é muito mais fácil de ser vivida; mas, a vivência religiosa

cristã amadurecida requer que assumamos na integridade a história humana como ela é, que assumamos a “encarnação de Deus na história” como uma das marcas essenciais do cristianismo. O amadurecimento da fé e da vida espiritual exige e também nos ajuda a compreender que a história é marcada pela solidariedade e luta pela vida, mas também pelo mal e violência.

Ivone Gebara, na sua reflexão sobre a compreensão do mal, nos diz:

A transcendência/imanência do mal me exorta a converter-me ao real que percebo, aquele real misturado, confuso, onde nenhuma palavra pode ser definitiva, nenhum Deus pode ser o todo-poderoso, nenhum bem totalmente soberano e nenhum mal a última palavra da vida.

Esta dolorosa experiência da ‘transcendência/imanência do mal’ pervade minha existência em tudo o que faço. Não seria

⁴ SCHWANTES, Milton. *Projetos de Esperança: meditações sobre Gênesis 1-11*. Petrópolis-Rio de Janeiro-São Leopoldo: Vozes-Cedi-Sinodal, 1989, p. 15.

exatamente isto que os teólogos da tradição chamaram 'pecado original'?

Se sim, é exatamente isto que vivo na minha carne.⁵

II. Violência "desproporcional" e a crise do sistema.

Como disse antes, o tema da violência era algo muito raro nas reflexões teóricas, mas está se tornando cada vez mais objeto de pesquisas e debates. Uma das razões para isso é exatamente o absurdo de certas violências, assim como a incapacidade ou a diminuição da capacidade do sistema dominante de manter invisível a violência do interior do sistema.

A desproporcionalidade das razões que levam a atos de violência e o resultado final destas violências é um sinal da instabilidade ou desequilíbrio do atual sistema social que funciona à escala global. Ela revela como o sistema está em um estado de maior instabilidade, ao mesmo tempo em que ela é uma consequência e alimentadora desta instabilidade. Deixe-me tentar explicar isso de uma forma mais simples.

Para facilitar, eu vou reduzir os meus exemplos de sistema aos sistemas de seres vivos, apesar de que todas as coisas no mundo existem como partes de sub-sistemas que se integram em sistemas maiores até atingir o universo todo como o grande sistema. Iniciemos com um exemplo bem simples. Um ser humano, para se manter vivo, precisa atuar de acordo com

o sub-sistema em que ele está inserido. Ele precisa conhecer e interagir apropriadamente com o seu meio ambiente para obter as fontes de energias necessárias para viver. Quando ele se alimenta, é de esperar que o seu organismo, que funciona como um sistema, processe o alimento, aproprie-se dos nutrientes e elimine o resto. Se ele come bastante e expele muito pouco, ele perceberá, a partir de sua expectativa e conhecimento, que há uma desproporção entre o que entra e sai. Esta desproporção mostra que o seu organismo está em desequilíbrio e que precisa ser "re-equilibrado". Se não, este desequilíbrio metabólico pode levar, em último caso, à morte e o seu sistema corpo-vivo se transformará em um cadáver e entrará em decomposição a partir da sua integração em um outro sistema. Mesmo que ele não perceba o desequilíbrio, a dinâmica do corpo poderá continuar neste caminho de deterioração emitindo outros sinais ou encontrar por si um caminho de um novo estado de equilíbrio. Este novo equilíbrio não é igual ao anterior e nunca é pleno, pois todos estados considerados em equilíbrio ou estabilidade na verdade são estados de tensão equilíbrio-desequilíbrio com a predominância do pólo equilíbrio ou estabilidade.

Um segundo exemplo. Quando um rapaz ou uma moça, que estão vivendo uma relação amorosa bastante estável, olha para uma outra pessoa jovem e bonita, o parceiro ou a parceira pode reagir com brincadeira ou com um misto de ciúme e provocação. Mas, nada tão importante que coloque a relação em perigo. Esta reação

⁵ S1. GEBARA, Ivone. *Rompendo o silêncio: uma fenomenologia feminista do mal*. Petrópolis: Vozes, 2000, p.100.

permite ao casal perceber que a relação entre ambos é bastante estável, que se vive uma relação baseada na segurança e confiança. Mas, se a relação afetiva entre os dois estiver bastante instável, só o gesto de pensar em olhar para uma outra pessoa pode iniciar uma reação forte, desproporcional, que pode levar ao fim da relação. Isto é, um sistema em estado de equilíbrio ou de estabilidade se caracteriza pela proporcionalidade entre a ação e reação e pela grande capacidade de assimilar ações ou fatos que vão contra a sua dinâmica; enquanto que sistema em estado de alta instabilidade gera reações desproporcionais e tem muito mais dificuldade em assimilar os distúrbios ou "ruídos". Isto se aplica tanto para um casal, quanto para uma comunidade religiosa ou um sistema social mais amplo, respeitando, é claro, as diferenças entre as propriedades de sistemas menores como a relação entre um casal e de sistemas amplos como a sociedade.

Voltando ao tema da violência, eu penso que os inúmeros casos de violências desproporcionais são aspectos de ponta de *iceberg* que revelam o alto grau de instabilidade do atual sistema global. E isto é muito importante, porque são nos momentos de maior instabilidade do sistema social que pequenas ações contestatórias ou "revolucionárias" obtêm grandes resultados, isto é, desproporcionais ao tamanho da ação. Nos momentos de maior estabilidade, estas mesmas ações seriam facilmente absor-

**... os inúmeros casos de
violências
desproporcionais
são aspectos
de ponta de *iceberg*
que revelam
o alto grau de
instabilidade do atual
sistema global.**

vidas ou rejeitadas pelo sistema. Quando a instabilidade ou desequilíbrio atinge um grau intenso, o sistema entra em ponto de bifurcação e o novo sistema emerge a partir de ações que, em momentos de estabilidade, não fariam muita diferença ao sistema. Em outras palavras, são nesses momentos de instabilidade que se abre possibilidades de grandes transformações sociais. Isto não quer dizer que o sistema seguinte será necessariamente melhor do que o anterior, e nem que este processo de crise-bifurcação seja breve.

Para Immanuel Wallerstein, "por causa das suas tendências seculares, o sistema chega inevitavelmente a um ponto distante do equilíbrio que não lhe permite mais funcionar de modo adequado. As oscilações do sistema, que anteriormente retornava sem grande dificuldade ao equilíbrio em

movimento [*moving equilibrium*], agora tornaram-se mais desordenado e caótico. Este é o ponto ao qual nosso sistema-mundo existente chegou hoje. O sistema começou a bifurcar, significando que ele pode ir em uma de pelo menos duas direções para encontrar uma nova estabilidade, uma nova ordem que será criada a partir do caos, e que não

será meramente o velho sistema transformado, mas um tipo inteiramente novo. Porém, na medida em que ele será o resultado de um número sem fim de *inputs*, que podem ser chamados de aleatórios do ponto de vista macro, mas que envolverá uma série de escolhas individuais visto

desde um ponto de vista micro, é impossível prever qual lado da bifurcação o processo tomará".⁶

III. Desejo, violência e a crise do sistema capitalista.

Mas, qual é a relação entre a violência e a crise do sistema capitalista? Para avançar nesta reflexão, eu quero citar um texto de Manuel Castells: "as sociedades estão organizadas em torno a processos humanos estruturados por relações de *produção*, *experiência* e *poder* determinadas historicamente. A *produção* é a ação da humanidade sobre a matéria (natureza) para a apropriar-se e transformá-la em seu benefício mediante a obtenção de um produto, o consumo (desigual) de parte dele e a acumulação do excedente para o investimento, segundo uma variedade de metas determinadas pela sociedade. A *experiência* é a ação dos sujeitos humanos sobre si mesmos, determinada pela interação de suas identidades biológicas e culturais e em relação com seu entorno social e natural. Constrói-se em torno a busca infinita da satisfação das necessidades e dos desejos humanos. O *poder* é a relação entre os sujeitos humanos que, baseando-se na produção e na experiência, impõe o desejo de alguns sujeitos sobre os outros mediante o uso potencial ou real da violência física ou simbólica. As instituições

sociais são constituídas para impor o cumprimento das relações de poder existentes em cada período histórico, inclusive os controles, limites e contratos sociais conseguidos nas lutas pelo poder."⁷

É importante ressaltar aqui a relação entre a violência, o desejo, o poder e a produção econômica. A essência da lógica capitalista é a busca sem fim da acumulação do capital. Para isso, as empresas procuram ampliar os seus mercados procurando novos consumidores e buscam diminuir os seus custos com fontes de matéria-primas e mão-de-obra mais baratas. A criação de um mercado consumidor global exige uma certa padronização do desejo de consumo para que se possa produzir "mercadorias mundiais". Além da padronização do desejo de consumo, é também preciso que todos os desejos sejam capturados pelo mercado. Se tomarmos como exemplo o desejo sexual, podemos ver que a forma concreta como se realiza ou satisfaz o desejo sexual de uma grande parte da população mundial passa hoje pelo mercado, começando pelos produtos de beleza – para se sentir-se e mostrar atraente –, passando pela imaginação do que seja uma relação sexual de "boa performance" incutida pelos meios de comunicação.

Como todos nós sabemos, os bens desejados não estão acessíveis a todos. Não somente porque não há quantidade suficiente, mas principalmente porque só desejamos objetos que não sejam abundantes, disponíveis para todo mundo.

⁶ WALLERSTEIN, Immanuel. *European universalism. The Rhetoric of Power*. New York-London: The New Press, 2006, p. 53.

⁷ CASTELLS, Manuel. *La era de la información*. Vol.1. La sociedad red. Madri: Alianza Editorial, 1996, pp. 40-41.

Isto significa que, tanto pelas razões econômico-produtivas, quanto pela gramática do desejo, a realização dos desejos e do consumo de objetos/bens de desejo são sempre desiguais.

Ao lado da desigual satisfação dos desejos e das necessidades (incluindo aqui os bens necessários para a sobrevivência corporal e para a pertença a determinados grupos sociais), temos que levar em consideração o fato de que todas comunidades ou sociedades precisam criar modelos de ser humano que servirão para dar sentido de vida às pessoas e também

para direcionar os desejos dos membros para objetos de desejos compatíveis com a reprodução do grupo. O que significa dizer também a necessidade de interditar "objetos de desejos proibidos", os tabus,

– os desejos que podem colocar em perigo a sobrevivência do grupo – e as regras morais e sociais para regular e controlar as lutas pela conquista dos objetos de desejo.

No atual sistema capitalista, os meios de comunicação se tornaram o principal "educador" do sentido da vida e fornecedor de modelos de ser humano e dos desejos⁸ e são utilizados pelo sistema para pressionar a sociedade para que deseje consumir cada vez mais e que deseje somente desejos que passam pelo mercado. Com isso, a maioria dos seres humanos que estão à margem ou excluídos do mercado consumidor – mas

dentro do alcance da socialização do desejo pela mídia – se vê em uma situação de frustração e se vê como "consumidor-falho". Em uma sociedade onde o modelo de ser humano é o de consumidor-perfeito, ser consumidor-falho significa ter uma auto-identidade de fracassado que não consegue realizar os seus desejos e necessidades, como também os dos seus familiares.⁹ Esta frustração não é restrita aos pobres, pois os que têm alto poder aquisitivo também não conseguem realizar todos os seus desejos de consumo.

**A essência da lógica
capitalista é a busca
sem fim da acumulação
do capital.**

Todos eles desejam não um objeto determinado, mas sim o reconhecimento de sua humanidade que virá, ou pensa que virá, com a aquisição do objeto de desejo que outro deseja.

O problema é que quando se consegue o objeto desejado, a satisfação dura por um instante, mas a ansiedade volta porque o modelo passa a desejar uma outra coisa e assim começa de novo a corrida sem fim pela satisfação de desejo. O que o pessoal do marketing e da propaganda fazem é explorar esta lógica do desejo apresentando os "ídolos-modelos" que desejam, ou dizem desejar, certas marcas ou produtos para que os seus discípulos os sigam no caminho tortuoso e sem fim da realização do desejo.

Na medida em que o desejo de reconhecimento passa pelo desejo de ter o que

⁸ Para esta questão, vide por ex., SUNG, Jung Mo. *Sementes de esperança: a fé em um mundo em crise*, Ed. Vozes, 2006, cap. 6.

⁹ Sobre o importante tema do desejo e necessidade no mercado capitalista, vide, por ex., SUNG, Jung Mo. *Desejo, mercado e religião*. Vozes, 1998.

o outro deseja, o conflito em torno deste objeto é inerente à dinâmica do desejo. A questão é: até que ponto as partes estão dispostas ir neste conflito? Isto é, diante dos limites das regras morais e sociais que impedem ou dificultam a satisfação do desejo e da concorrência de outros que também desejam o mesmo objeto, até que ponto as pessoas ou grupos sociais estão dispostos impor o seu desejo usando a violência física ou simbólica sobre outros? Até que ponto estes que usam da violência estão dispostos a colocar em risco as suas vidas e/ou de outras pessoas na busca da satisfação dos seus desejos? É “racional” colocar a vida em risco – por meio de uso de violências – para realizar algum desejo?

Alexandre Kojève, no seu clássico livro *Introdução à leitura de Hegel*, diz que na relação entre pessoas, o desejo só é humano na medida em que deseja o desejo do outro: “se quer ser desejado ou amado ou, mais ainda reconhecido em seu valor humano, em sua realidade de indivíduo humano. Do mesmo modo, o desejo que busca um objeto natural só é humano na medida em que é mediatizado pelo desejo de outrem dirigido ao mesmo objeto: é humano desejar o que outros desejam, porque eles o desejam. Assim, um

**Na medida em que o
desejo de
reconhecimento passa
pelo desejo de ter o que
o outro deseja, o
conflito em torno deste
objeto é inerente à
dinâmica do desejo.
A questão é: até que
ponto as partes estão
dispostas ir neste
conflito?**

objeto perfeitamente inútil do ponto de vista biológico (como uma condecoração ou a bandeira do inimigo) pode ser desejado porque é objeto de outros desejos. [...] A realidade humana, diferente da realidade animal, só se cria pela ação que satisfaz tais desejos: a história humana é a história dos desejos desejados.”¹⁰

Para compreendermos melhor esta afirmação de que “a história humana é a história dos desejos desejados”, precisamos recordar, como próprio Kojève diz, que en-

quanto o conhecimento mantém o ser humano em quietude, em uma posição de passividade ou de não-ação, “o desejo torna-o inquieto e leva-o ação. Oriunda do desejo, a ação tende a satisfazê-lo, e ela só pode fazer isso pela negação, pela destruição ou, ao menos, a transformação do objeto desejado; para satisfazer a fome, por exemplo, é preciso destruir ou, em todo caso, transformar o alimen-

to”.¹¹ Até a satisfação da necessidade mais básica pelo alimento pressupõe o desejo de continuar vivo. Quem deseja morrer, ou deseja ficar extremamente magra, luta para não comer.

O desejo humano tem uma diferença essencial em relação ao “desejo” do animal. Os animais têm como supremo valor a

¹⁰ KOJÈVE, Alexandre. *Introdução à leitura de Hegel*. Rio de Janeiro: Contraponto-EdUERJ, 2002, p. 13.

¹¹ Ibidem, p. 11.

conservação da sua vida animal e, por isso, os seus “desejos” estão em função da conservação da vida. Para Kojève, o desejo humano, para ser humano, precisa se diferenciar e superar este desejo animal res- trito ao desejo de sobre- vivência. Por isso, ele diz que “o homem só se con- firma como humano se arriscar a vida (animal) em função de seu desejo humano. É nesse e por esse risco que a realida- de humana se cria e se revela como realidade; é nesse e por esse risco que ela se confirma, se mos- tra, se demonstra, se ve- rifica e se comprova como essencialmente diversa da realidade animal, natural. Por isso, falar da origem da consciência-de-si é necessariamente falar do risco de vida (em vista de um objetivo essencialmente não-vital). O homem se confirma como humano ao arriscar a vida para satisfazer seu desejo humano, isto é, seu desejo que busca outro desejo.”¹²

Se o que ele diz procede, é da natureza humana assumir risco de vida por desejos que biologicamente falando não são es- senciais. Isto nos ajuda a entender porque há pessoas que arriscam as suas vidas ou de outras pessoas por causa dos desejos por um tênis importado, por uma riqueza que não pode ser gasta (bilionários) ou por vi- tórias em guerras que provocam mortes e perdas materiais para além de qualquer “ganho” razoável ou então pessoas que preferem morrer a renegar a sua fé (os

[...] A realidade humana, diferente da realidade animal, só se cria pela ação que satisfaz tais desejos: a história humana é a história dos desejos desejados.”

mártires) ou morrem e matam em nome de seus valores religiosos ou ideológicos.

Por tudo isto, as sociedades precisam criar mecanismos sociais, morais e jurídi- cos para que as frustrações ou conflitos que nascem nas disputas pelos objetos de desejo não levem à violência ex- trema. No nível pessoal ou de pequenas comuni- dades, os valores morais e o senso de ética têm um papel fundamental na escolha que cada um tem de fazer diante desta en- cruzilhada: aceitar, mes- mo que por momento, a frustração ou tentar uti-

lizar a violência para impor sobre outros os meus desejos. Se além de valores mo- rais que pregam o respeito aos direitos de outras pessoas ou grupos sociais, houver também uma perspectiva otimista do fu- turo, é provável que a pessoa escolherá não usar a violência para continuar na corri- da. O problema é que hoje, com o uso in- tensivo de tecnologias permanentemente renovadas, não há uma perspectiva de fu- turo econômico para uma parte significa- tiva da população mundial. Só lhes sobre valores morais para controlar a possível utilização de violência contra a sensação de frustração e de fracasso.

Porém, a própria dinâmica do sistema capitalista tem minado a força da moral, que poderia ajudar a manter o sistema em equilíbrio por mais tempo. A racionalidade econômica do capitalismo reduz as pessoas a instrumentos de produção – no

¹² Ibidem, p. 14.

ambiente da produção – ou cifras no mercado consumidor. As pessoas são medidas, valorizadas, de acordo com a sua capacidade econômica; tudo e todos são reduzidos a números e cifras. A desumanização é um processo intrinsecamente ligado à expansão e à imposição da lógica econômica sobre todos aspectos da vida humana e da sociedade. E seres humanos que aprenderam com essa dinâmica da sociedade capitalista a se sentirem desumanizados, tratados como cifras ou números, não encontram sentido ou valor em proposições morais ou em consciência ética. Pois, a ética é um assunto dos seres humanos.

Pessoas – pobres ou ricas, frágeis ou poderosas no sistema – tratadas como desumanas, como animais não-humanos, reagirão como animais e não verão diferença entre a violência e o direito ou o desejo de satisfazer o seu desejo sem se importar com outras pessoas, culturas ou países, ou com as regras que possibilitam uma convivência “civilizada” na sociedade. A racionalidade instrumental moderna encarnada na burocracia, seja econômico-privada ou pública, “é programada para buscar a solução ótima, mais favorável. É programada para medir essa solução ótima em termos tais que não fizesse distinção entre um e outro objeto humano ou entre objetos humanos e desumanos. O que importa é a eficiência e a diminuição dos custos para produzi-la.”¹³ Neste tipo de racionalidade e relação não há problemas éticos; só o da eficiência do sistema.

Mesmo quando os “poderosos” falam da necessidade de combater a pobreza no mundo, o principal argumento é que o número excessivo de pobres colocam em perigo o sistema atual.

Ao lado deste processo pelo qual a instância moral perde a sua capacidade de servir de critério, de controle ou de guia frente à frustração nascida da diferença entre os desejos e a possibilidade de realizá-los, o próprio sistema social não está mais sendo capaz de controlar a violência dentro dos níveis “aceitáveis” para o equilíbrio e reprodução do próprio sistema. Ao nível global, ainda não temos um mecanismo de “governo mundial” e nem um sistema judicial ou jurídico que funcione como um equivalente ao Estado nacional e possa controlar com o uso de “violência legítima”¹⁴ as violências consideradas ilegítimas e ilegais e imponha sobre todos os países os tratados internacionais – tais como o do Kyoto que os EUA insistem em ignorar. Em nível nacional, a perda da credibilidade e de legitimidade do sistema jurídico (do qual fazem parte a polícia e os juízes acusados de mais diversos crimes) e político do Estado brasileiro é um sintoma e causa da nossa crise. Quando a instância detentora da “violência legítima” perde credibilidade e o povo não vê mais a diferença dela com as violências “comuns”, a sociedade perde uma instância fundamental para controlar o ciclo da violência que se alimenta do desejo de vingança e da perda de esperança no futuro.

¹³ BAUMAN, z. *Modernidade e holocausto*, p. 129.

¹⁴ Vide o artigo citado na nota 1.

Quando não há mais regras morais ou sociais para "controlar" os conflitos e violências que nascem em torno da busca pela satisfação dos desejos, sobra somente a "lei do mais forte" que impõe o seu desejo com violência e estabelece uma relação de poder que, por ser visto como ilegítimo, só se sustenta com o uso ou ameaça de mais violência, física ou simbólica como diz Castells. Este é o caso, por exemplo, da invasão/guerra norte-americana no Iraque, como também das relações de violência que vão se espalhando pelos "morros e favelas" das grandes cidades, mas também lentamente vai permeando os mais diversos ambientes da sociedade.

Se pensarmos em termos históricos o sistema capitalista moderno, podemos dizer que no início as violências ainda eram "proporcionais" (dentro da expectativa do padrão de "civilidade europeu", onde a violência colonial era considerado caminho necessário para a expansão da civilização), controlados e imputados somente aos grupos "marginais" e dominados. Mas com o crescimento do próprio sistema por séculos, as violências explodem de modo desproporcional e tão descontrolado que não podem mais ser ocultados ou imputados somente aos de "fora" do sistema e o sistema capitalista global tem que assumir que vivemos em um momento de bifurcação – que poderá levar algumas dezenas de anos antes de atingir um novo equilíbrio sistêmico.

IV. O que podemos fazer?

Quando comecei a pensar neste artigo, eu tinha o objetivo de tratar mais sobre o que o cristianismo e, em especial, as comunidades consagradas à vida religiosa poderiam contribuir na luta contra a violência hoje. Mas, por mais que eu tentasse restringir às questões que levassem ao tópico da contribuição específica do cristianismo (por isso muitas outras questões ligadas ao tema da violência não foram mencionadas), a análise do problema tomou mais

... o próprio sistema social não está mais sendo capaz de controlar a violência dentro dos níveis "aceitáveis" para o equilíbrio e reprodução do próprio sistema.

espaço que previa e sobrou pouco para desenvolver essa última parte. Por isso, eu quero apresentar agora algumas reflexões de um modo mais telegráfico, com a esperança que possam servir de sugestões para posteriores reflexões e debates nas comunidades e nos encontros do CRB.

1. Em primeiro lugar, eu penso que é importante explicitar que a pergunta é: "o que podemos fazer?" e não, "o que devemos fazer?". Muitas vezes a sensação de urgência frente a tanto sofrimento nos leva a privilegiarmos "o que devemos fazer", deixando de lado a reflexão sobre o que "podemos fazer". A noção do dever que não leva em consideração as possibilidades humanas e históricas só cria uma sensação de impotência e ansiedade, juntamente com a ilusão de que somos um grupo "messiânico", que não nos faz bem e nem nos ajuda na realização do que é possível.

Se a minha análise não estiver muito errada, a atual crise de violências “absurdas” só será “solucionada” quando o sistema reencontrar um novo estado de equilíbrio, que, como vimos, depende também de opções e ações de cada um. A solução não virá de uma ação ou conjunto de ações de um grupo ou de uma instituição como a Igreja. É preciso ter paciência! Ao mesmo tempo, precisamos fazer o que está ao alcance das nossas possibilidades para minorar os sofrimentos e apressar a transição para uma outra ordem que seja mais humana.

2. Precisamos nos lembrar, também, que a violência sempre fez parte da história humana, porque está associada também ao desejo humano. A Bíblia sempre apresentou de modo explícito o problema da violência a tal ponto que a relação entre a cobiça (desejo ardente de possuir algo ou alguém), a violência/opressão e a fé em Javé aparece claramente no decálogo. O primeiro mandamento de adorar somente a Javé, que fez Israel sair da escravidão faz paralelo com o décimo, que diz: “Não cobiçarás a casa do teu próximo. Não cobiçarás a mulher do teu próximo, nem o seu escravo, [...] nem coisa alguma que pertença a teu próximo” (Ex 20,17)

... a pergunta é: “o que podemos fazer?” e não, “o que devemos fazer?”. Muitas vezes a sensação de urgência frente a tanto sofrimento nos leva a privilegiarmos “o que devemos fazer”, deixando de lado a reflexão sobre o que “podemos fazer”.

Por isso, eu penso que o tema da violência-opressão-desejo é (ou deveria ser) um dos temas centrais nas nossas reflexões teológicas e pastorais. Escolher entre Deus de Jesus Cristo e algum outro ídolo é uma opção que tem uma relação profunda com o modo como lidamos com o nosso desejo e com a violência que pode surgir dele.

3. René Girard, um dos principais estudiosos da relação entre a violência e o sagrado, diz que “a violência é escravidão; impõe aos homens uma visão falsa não só da divindade, senão de todas as coisas. [...] para sair da violência é preciso evidentemente renunciar à idéia da retribuição”.¹⁵

Um dos principais fomentadores do ciclo da violência é a vingança, a retribuição da violência, que gera a vingança da vingança e o espiral da violência. Uma das formas que as culturas humanas encontraram para tentar parar ou controlar esta espiral foi o mecanismo do sacrifício religioso: Deus que pede uma ação violenta contra a vítima do sacrifício, que não é vista como violência pelos fiéis porque pedida por uma divindade. Só que a lógica sacrificial, além de transformar um ato violento em ato de salvação, transforma a vítima em culpada da crise da comunidade. É o mecanismo de bode expiatório.¹⁶ Não devemos nos esquecer o

¹⁵ GIRARD, René. *El misterio de nuestro mundo*. Salamanca: Sígueme, 1982, p. 229.

¹⁶ GIRARD, René. *O bode expiatório*. São Paulo: Paulus, 2004.

que disse Jesus: "quero misericórdia e não sacrifício" (Mt, 9,13).

Contra a lógica da retribuição, que diz que há uma divindade (seja deus ou mercado) que premia justamente os "bons/competentes" e castiga os "maus/incompetentes" e reforça a lógica da vingança, precisamos insistir na importância do perdão e da reconciliação, juntamente com a teologia da graça (Deus nos ama gratuitamente). Quando as pessoas sentirem que são amadas gratuitamente, poderão encontrar um outro caminho para realizar o seu desejo de reconhecimento que não seja o de comprar o que os modelos de desejo capitalista os incitam a comprar. Assim como, a experiência de ser amado gratuitamente lhes dará força para perdoar e reconciliar consigo e com outros. A luta contra o sistema capitalista passa também pelo cultivo de uma verdadeira espiritualidade que tem a ver com a conversão, com uma mudança profunda do desejo.

4. Uma das formas que os sistemas opressivos se utilizam para superar seus momentos de profunda crise é a escolha de um bode expiatório (pessoas ou grupos sociais) sobre os quais se descarregam todas as ansiedades, culpas e a própria violência do sistema. Podemos perceber este processo em andamento em diversos países ricos que concentram a sua raiva nos imigrantes ilegais ou em mulçumanos, como no Brasil tendemos fazer dos "marginais" ou alguns grupos minoritários os bodes expiatórios. Este processo de culpabilizar as vítimas é intimamente ligado às

teologias sacrificiais. Diante desta ameaça, precisamos sempre lembrar que "a novidade essencial da mensagem cristã, exatamente porque ela tenta introduzir na história o amor fraternal que a todos inclui, consiste na afirmação central: as vítimas são inocentes e nenhuma desculpa ou pretexto pode justificar a vitimação delas."¹⁷

5. Por fim, eu quero introduzir um tema que pode ser estranho no texto de um autor que tem escrito mais sobre questões "estruturais", como a crítica teológica a economia. Mas, pensando na minha experiência de cristão em contato com pessoas consagradas à vida religiosa, devo reconhecer que a *ternura* de algumas destas pessoas foram muito mais marcantes do que discursos religiosos bem articulados.

Eu penso que a Igreja cristã (incluindo aqui a católica e também as protestantes e evangélicas), por mais bem intencionadas que sejam, não tem mais poder ou capacidade de construir uma ordem social a partir do seu desejo ou doutrina. Este tempo já passou. Mas, ela pode e deve tentar contribuir com um espírito que leve as pessoas desejarem um mundo diferente, mais humano, sem perder de vista a real condição humana e as ambigüidades da convivência social. Por isso, eu quero terminar este artigo citando um texto de Luis Carlos Restrepo, como uma dedicatória a tantas mulheres e homens consagradas/os à vida religiosa que me marcaram com os seus testemunhos humanos e me ensinaram a desejar um mundo que seja mais próximo do Reino desejado por Jesus:

¹⁷ ASSMANN, Hugo, "The strange imputation of violence to Liberation Theology", (Conference on Religion and Violence, New York, oct. 12-15/1989), *Terrorism and Political Violence*, vol. 3, n.4 (Winter 1991), London, Frank Cass, pp. 84-85.

A ternura é um conjuro social destinado a colocar um dique à nossa agressividade para que não se transmute em violência destruidora.

A distância entre a violência e a ternura, tanto em seu matiz tátil como em suas modalidades cognitivas e discursivas, tem sua raiz nessa disposição do ser terno para aceitar o diferente, para aprender dele e respeitar seu caráter singular sem querer dominá-lo a partir da lógica homogênea da guerra. [...]

A ternura é o caminho que percorremos quando nos damos conta da falibilidade

humana, da proximidade do ódio e da facilidade com que nos convertemos em sujeitos que maltratam.¹⁸

Jung Mo Sung. Professor do Prog. de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Univ.

Metodista de São Paulo, onde pesquisa a relação entre teologia-economia-educação. É autor de 13 livros, entre eles, *Sementes de esperança: a fé em um mundo em crise* e *Educar para reencantar a vida*, pela Ed. Vozes.

Endereço do autor:

R. Humberto I, 254, ap. 121-A
04018-030 São Paulo - SP
jungmosung@uol.com.br

**QUESTÕES PARA
AJUDAR A LEITURA
INDIVIDUAL OU
O DEBATE EM
COMUNIDADE**

- 1 - Como você e sua comunidade avaliam a crescente escalada da violência nas nossas cidades?
- 2 - Que consequências tem para a convivência social a violência tornada invisível?
- 3 - Como você responderia à pergunta: - Diante desta situação, que podemos fazer como Vida Religiosa?

¹⁸RESTREPO, Luis Carlos. *O direito à ternura*. 2ª. ed., Petrópolis: Vozes, 2000, pp. 53-54.

Gênesis 1 a 3: Re-criação

FREI GILVANDER MOREIRA

1) Ponto de partida: O paraíso está gravemente ferido

Uma leitura comunitária, transformadora e libertadora dos primeiros três capítulos do livro de Gênesis pressupõe levar no coração e na mente a realidade atual: algumas bombas atômicas explodidas e muitas prontas para seguir o mesmo destino, sementes transgênicas, monoculturas do eucalipto e outras, mineração depredadora, condomínios luxuosos que se apropriam de áreas de proteção ambiental e favelização. Esgoto sem tratamento sendo jogado nos rios, modelo de desenvolvimento capitalista que, como uma máquina de moer capim, chupa tudo para dentro de si e transforma em mercadoria.

O nosso Planeta está em perigo de morte. O uso da energia nuclear no cotidiano, sem que tenhamos solução para o lixo e seus efeitos secundários. A utilização abusiva de produtos químicos que levam ao envenenamento dos solos e das águas. O excesso de gás carbônico decorrente das indústrias e a destruição das florestas tropicais comprometem inexoravelmente a saúde da estratosfera e reduzem a fotossíntese, que fabrica o oxigênio essencial à nossa vida. A própria existência do ser humano está em perigo.

Tudo isso está agredindo covardemente o paraíso terrestre criado por Deus na beleza da evolução. A humanidade vive em alto risco. A vida na terra está ameaçada. Em 1945 aconteceu o maior ato de terrorismo de estado: as bombas atômicas jogadas sobre as cidades japonesas de Hiroshima e Nagasaki.

A ONG WWF, divulgou, em meados de outubro de 2006, relatório anual sobre as condições de vida e capacidade dos recursos naturais do Planeta Terra. As informações reveladas são alarmantes e dão conta, por exemplo, de que "os seres humanos já usam recursos naturais a uma taxa 25% maior do que a **capacidade do planeta de regenerá-los.**" Prevê que se não houver uma mudança de modelo de desenvolvimento e de comportamentos, em 2050 "a **Humanidade** precisará de dois planetas Terras para prover suas necessidades." Demonstra também que entre 1970 e 2003, o planeta perdeu **30% de sua diversidade biológica**, "o que indica que as extinções estão se acelerando."¹

"Nós perdemos a comunhão com o planeta", afirma o fotógrafo mineiro Sebastião Salgado, ao apresentar o projeto "Gênesis", exposição de 40 fotos inéditas: "Meu objetivo é encontrar e revelar um mundo onde a natureza e os animais vivem em equilíbrio ecológico. É absurda esta noção moderna de que humanidade e natureza estão, de alguma maneira, separadas.

¹ Cf. Jornal Folha de São Paulo, Caderno Ciência, edição de 25/10//2006.

Nosso relacionamento com a natureza e conosco mesmos está em crise”, afirma o fotógrafo. “O projeto “Gênesis” é uma tentativa de reconectar nossa espécie com nosso planeta. Estou me dedicando a este mundo de pureza com o objetivo de registrar as faces imaculadas da natureza e da humanidade”, almeja o otimista e utópico Salgado.²

Diz a sabedoria popular que na frente estão as matas, depois o ser humano passa e deixa um deserto. Dentro de vinte anos a água potável poderá faltar para 40% da humanidade. As multinacionais já estão de olho gordo no “petróleo azul”. Em alguns lugares do planeta a água já é controlada com poder das armas. A vida na Terra está ameaçada, a nossa única casa comum está ficando sem esse combustível sagrado: a água.

Os Sem Terra da Via Campesina – entidade internacional que congrega Movimentos que lutam pela Reforma Agrária integral em 74 países – bradam: “Não aceitamos sementes transgênicas. As sementes são (e devem continuar sendo) um patrimônio da humanidade.” Este grito ecoou forte em quase todas as atividades do 3º Fórum Social Mundial, em Porto Alegre. A semente está no início e no fim do processo da vida. Quem controla a semente controla o fio da vida e o mercado. Primeiro tentaram patentear as sementes. 97% das sementes transgênicas servem

mais para as multinacionais venderem seus herbicidas e produtos químicos. Quem quer impor os transgênicos quer acabar com 12.000 anos de evolução das sementes. Estão preparando também a semente

exterminadora do futuro, a que gera sementes estéreis. Uma equação matemática necessária hoje é **TERRA + SEMENTE NATURAL = SOBERANIA E SEGURANÇA ALIMENTAR**. Enfim, sem semente natural não há alimentação de qualidade, nem povo e nem nação.

Semente transgênica é fruto do cruzamento

de espécies diferentes para gerar um novo ser. Por exemplo, amendoim com camarão resulta em um amendoim com gosto de camarão. As sementes transgênicas assassina a biodiversidade, oferece grandes riscos à saúde e são monopólios das multinacionais. A multinacional Monsanto é proprietária de 70% das sementes transgênicas no mundo e 30% da Monsanto está no Triângulo Mineiro, em Minas Gerais. Quando encontramos nas embalagens a informação “LU” é porque tem algum elemento transgênico no produto.

Ao lado das grandes riquezas que são produzidas, a degradação ambiental cresce em uma progressão geométrica. Vivemos numa sociedade abortiva e cada vez mais violenta e cínica. O Grande desafio será garantir de fato o direito à

Diz a sabedoria popular que na frente estão as matas, depois o ser humano passa e deixa um deserto. Dentro de vinte anos a água potável poderá faltar para 40% da humanidade.

² Palestra de Sebastião Salgado, no Museu de Artes e Ofícios de Belo Horizonte, em 17/10/2006, na abertura do projeto “Gênesis”, exposição de 40 fotos inéditas feitas por ele.

reprodução, à gestação, ao nascimento e a manutenção de uma vida digna e feliz com justiça social, educação e promoção da cidadania.

A humanidade vive uma das maiores encruzilhadas da história humana. Das duas uma: ou nos salvamos todos ou pereceremos todos. Desta vez não haverá uma arca de Noé para salvar um casal de cada espécie. "Ou o ser humano se torna o *anjo protetor* da Mãe Terra e da Irmã Água ou ele será o *anjo exterminador* da nossa única casa comum, o planeta Terra". Ou recriamos a vida com relações e estruturas de fraternidade ou vai acontecer a extinção da raça humana com uma infinidade de outras espécies.³

Leonardo Boff, de modo muito incisivo e profético, vem alertando para a necessidade de se articular, de forma integrada, as lutas sociais e ecológicas. Nosso modo de produção capitalista, o mais insustentável de todos, está assassinando a Terra, nossa única casa comum, que é viva, sagrada e nossa mãe. É hora de colocarmos em prática A CARTA DA TERRA, uma das melhores páginas escritas nos últimos tempos, já assumida pela UNESCO. A luta continua para que a ONU a assuma com autoridade equivalente à Declaração dos Direitos Humanos. Eis um imperativo vital: cuidar de todo ser vivo. Deve reinar em nossos corações a integridade e uma justiça sócio-cósmica. Nós somos parte da

**A humanidade vive uma
das maiores
encruzilhadas da
história humana. Das
duas uma: ou nos
salvamos todos ou
pereceremos todos.**

terra. Entramos e saímos da vida o tempo todo.

A CARTA DA TERRA, que é a Bíblia do planeta Terra, nos mostra que a Terra é viva. Devemos partir das revoluções moleculares, começando a partir de nós mesmos. Queremos paz perene com compromisso, mas não pacificação. Diálogo consigo mesmo, com o outro, com os antepassados, com o futuro, é o que descortina novos horizontes. Isso implica superar a idéia de que o ser humano foi colocado na terra para dominar e subjugar toda a criação.

Os astronautas, ao contemplar a Terra de fora dela, exclamaram: "*É pequena. Cabe na palma da nossa mão. Olhando de cima, não há distinção entre humanidade e Terra. É uma coisa só.*" Essa visão está em consonância com o relato da criação que diz que o ser humano foi criado do

barro. O nome Adão vem de *Adamah* (= terra fértil). Somos terra fértil, húmus. O nome Adão quer dizer "filho da terra fértil". Há uma grande unidade em tudo. Pouco mais de 100 elementos constituem tudo. Somos um elo vivo da grande rede da vida. Das bactérias até nós to-

dos, temos os mesmos elementos. Somos um alfabeto vivo: cada letra só tem sentido unida com outras. Somos todos interdependentes. A nova física e a física quântica nos ensinam que "tudo no universo tem a ver com tudo em todos os pontos.

³ Cf. BOFF, Leonardo, *Do iceberg à Arca de Noé*, O nascimento de uma ética planetária, Rio de Janeiro, Ed. Garamond Ltda, 2002.

Há uma inter-retro-dependência. Dependemos uns dos outros, entre nós, de trás pra frente e de frente para trás. A comunidade de vida, composta por humanos e não humanos, forma um organismo único, universal.

2) Resgatando a Teologia da Criação

Para captar as luzes e forças de Gen 1-3 é preciso também deixar nossa luz poética brilhar.

Contemple a **beleza**
de um pavão e a do Arco-íris!
Contemple a **força**
de um touro e a de um sertanejo!
Contemple a **coragem**
de um leão e a dos Sem Terra!
Contemple a **ternura**
de uma criança e a de uma flor!
Contemple a **esperança**
de um mandacaru e a do povo simples!
Contemple a **solidariedade**
das formigas ao desfolhar uma laranjeira!
Contemple a **perseverança**
de um João de Barro que constrói a casa de "grão em grão"!
Saboreie a **delícia**
de um doce de leite!
Deleite-se com um abraço
cheio de **fraternura**!
Deixe seus olhos admirar as
coisas mais belas e genuínas!
Feche os olhos para ver o que realmente
é **essencial**: o invisível!

Reler o livro de Gênesis, capítulos de 1 a 3, pode ajudar o ser humano a impor limites à competição e reforçar a dimensão da cooperação e do cuidado. Cuidar uns dos outros para exorcizar o medo.

Os relatos da Criação, no livro de Gênesis, estão em uma linguagem simbólica. Podem ser considerados contra-mitos, isto é, mitos usados para "explicar" as origens e responder a mitos mistificantes dos povos vizinhos. Mito não é algo que não existe. Trata-se de uma tentativa de explicar o difícil de ser explicado. Por isso usa uma linguagem simbólica.

Há tribos indígenas que contam o seguinte mito para explicar o nascimento da lavoura na roça: O pai ia pescar. Ao voltar, a filha sempre perguntava: "O que pescou, papai?" O pai respondia assobiando. A filha disse à mãe: "Cave a terra e me enterre até o pescoço." Após sete dias, o pai, estranhando o fato de a filha ter sido semi-enterrada, voltou no local e, surpresa, constatou que a menina semi-enterrada tinha se transformado em uma roça de todos os tipos de cereais, verduras e frutas. Assim nasceu a roça, revelando a ligação umbilical entre a terra e a mulher.

Uma índia, ao arrancar a mandioca, conversa com a planta, um ser vivo. Não há separação entre nós e o "meio ambiente". A comunidade de vida, composta por humanos e não humanos, forma um ambiente inteiro.

O final do primeiro relato da criação (Gn 1,1-2,4a), diz: "no sétimo dia Deus descansou." Esse repouso sabático é o símbolo da libertação interior e deve ser vista de forma articulada com a narrativa bíblica do livro do Êxodo que retrata a luta pela libertação exterior. Lutar e descansar e vice-versa, eis os dois pólos da libertação integral que está em curso: libertar-se das opressões externas e superar os limites internos.

"Paraíso terrestre é saudade ou esperança?", pergunta Carlos Mesters. Mais do

que algo do passado, trata-se de algo que existe no presente, de forma ambígua e em meio a conflitos, mas é primordialmente algo do futuro. Com lutas de transformações construímos esta esperança. Deus é apaixonado pela humanidade e por todas as criaturas terrestres. Por isso veio morar conosco. Deus não é transcendente, mas transdescendente. Ou seja, Deus não está lá longe, no alto para além das nuvens, mas Deus habita em nós, nas relações humanas e ecológicas. O divino está no humano. A transcendência está na imanência. Javé ouve o

clamor e desce para libertar (cf. Êxodo 3,7-10). Através da humanidade e de todas as criaturas, Deus cria “*novo céu, nova terra*” (Isaías 65,17-25). Deus assume a condição humana, nascido de mulher, humano que se tornou divino, pois foi muito humano (Gl 4,5). No final da Bíblia, a transdescendência de Deus continua sendo afirmada: “*Deus desce dos céus, arma sua tenda e mora entre nós*” (Ap 21,1-5).

“No início (*bereshit*, em hebraico) criou Deus...” (Gn 1,1a). Assim abre-se a Bíblia. Normalmente se entende a primeira palavra da Bíblia de forma temporal, cronológica, como se tivesse tido um início a partir do nada e em tal data. Essa interpretação tem alimentado um conflito artificial entre Criação e Evolução. Darwin tem sido satanizado e incompreendido pelos adeptos da “teoria da criação”. A questão não é criação ou evolução, mas criação na evolução. A palavra *bereshit* (= no início) é

**Não há separação
entre nós e o
“meio ambiente”.**

**A comunidade de vida,
composta por humanos
e não humanos, forma
um ambiente inteiro.**

difícil de ser traduzida, pois é “início, começo, cabeça”, mas não no sentido temporal, cronológico. Trata-se de “início, começo” no sentido qualitativo, no mais profundo das relações da teia da vida. Temos que trazer à mente a distinção que os

gregos fazem na idéia de tempo: *chronos* (tempo físico quantitativo, sucessão dos fatos) e *kairos* (tempo qualitativo, o divino tocando o humano, a graça contagiando tudo). O autor bíblico não quis estabelecer uma oposição entre Criação e Evolução, pois falou de “início” no sentido de algo profundamente qua-

lificado tocando a evolução. A criação se dá na evolução. O dedo de Deus toca tudo. Tudo está permeado e perpassado pela dimensão divina. Evolução é a criação continuada, continuamente acontecendo.

O movimento negro que luta contra o racismo diz “nosso início não está nas senzalas, mas na liberdade da África”. O autor bíblico queria dizer: “no início está a criação, o espírito de Deus presente e envolvendo tudo. Não começamos no pecado, mas na liberdade da maravilha da criação, que se dá na evolução. Evolui-se criando e cria-se evoluindo.

Outro equívoco é considerar “criação” como fazer algo a partir do nada. Essa é uma idéia filosófica grega, que distorce o sentido bíblico do criar. Cria-se a partir do caos. “No início estava o caos, a terra sem forma e vazia”. O Big Bang produziu um caos e o cosmos se faz a partir da organização do caos. O caos não é só caótico, cria cosmo, ordem bela e harmonia.

“O Espírito (*ruah*, em hebraico) “pairava” sobre as águas” (Gn 1,2b). É difícil traduzir o termo *merahepet*, em hebraico) pois “pairava” dá a entender que é algo que vem de cima e que atua de fora. Não é esse o sentido. O sopro divino

(*ruah*) “agitava, revolvía, sagazeava, bailava, tocava, acariciava, abraçava, envolvia, chocava” as águas. Javé respirava nas águas. Namorava as águas, talvez possamos dizer. Trata-se de algo intimamente ligado às águas. Agitava de dentro para fora. *Ruah* e água não são duas realidades. Trata-se da mesma realidade sob ângulos diferentes. São “carne e unha”, inseparáveis. Em Gn 1,2b “água” é símbolo da realidade. Tudo é água, pois água está em tudo. Logo, não podemos entender água apenas no sentido físico. O autor bíblico quer dizer que o espírito de Deus está em tudo, permeia e perpassa tudo. Em tudo está uma aura de divino, de sagrado. Existe água não só nos rios, mas em tudo há água, em todos os corpos, em todos os seres vivos. A terra é um grande ser vivo, chamada por muitos de Gaia. Todos os seres vivos integram, mantendo identidades próprias, em uma grande sinfonia, o ser maior: o planeta Terra.

A Criação é boa, é muito boa⁴, é beleza, é o ato primeiro. E Deus viu que a luz era boa, a terra, as águas, o firmamento, plantas, verduras, árvores frutíferas. Tudo é uma beleza e irradia a luz e a força divinas.

A criação se dá na evolução. O dedo de Deus toca tudo. Tudo está permeado e perpassado pela dimensão divina.

No primeiro relato da criação (Gn 1,1-2,4a) se repete, inúmeras vezes, a palavra “terra”. 12 vezes em Gn 1; 57 vezes em Gn 1-11). Isso é forte indício de que o texto foi escrito por um povo na época em que estava longe da terra, no exílio da

Babilônia (587-538 a.C.). Sentindo a falta de terra que era sinal da bênção de Deus, o povo resgata as origens revelando um grande encantamento e reverência pela terra. Sente-se filho da terra.

Na teologia tradicional e na prática pastoral, por séculos e séculos, se enfatizou demasiadamente, quase absolutizando, a exortação de Gn 1,26 onde Deus diz: “Façamos o ser humano à nossa imagem e semelhança e que ele domine sobre todos os “animais”. Uma interpretação ao pé da letra deste versículo resulta em vários problemas.

Primeiro, não é somente o ser humano que é “imagem e semelhança” de Deus. É claro que há uma distinção e especificidade entre os seres humanos e os outros seres vivos, mas há beleza, grandeza e graça divina em todos os seres criados por Deus. Urge superarmos o antropocentrismo que tem feito tantos estragos à história humana.

Segundo, a exortação para que o ser humano “domine vários seres vivos” – não todos – não pode também ser entendida no sentido de subjugar, dominar e tiranizar sobre todos e tudo. A “dominação” é circunscrita, não é sobre tudo e muito

⁴ Cf. Gn 1,1-31, especialmente Gn 1,10.12.18.21.25.31.

menos sobre todos os seres vivos.⁵ Além do mais, temos que recordar a ênfase dada na segunda versão sobre a criação (Gn 2,4b-25) sobre o “cultivar, pastorear, ser jardineiro”. Olhando a totalidade das duas versões da criação (Gn 1,1-2,4a e Gn 2,4b-25) temos que concluir que o espírito de Deus pede cuidado, pastoreio e manuseio responsável sócio-ecológico e jamais incentiva a dominação e a depredação como, infelizmente, o modelo capitalista de desenvolvimento vem fazendo.

Em terceiro lugar, temos que observar que há outras exortações de semelhante importância, como, por exemplo: “Haja um firmamento” (Gn 1,6). Em uma linguagem atualizada, provavelmente, possamos dizer no espírito do texto: Haja camada de ozônio que proteja a humanidade e todas as criaturas que estão no planeta Terra. Reduza-se em 50% as emissões de gás carbono e dióxido de carbono que estão causando uma enorme mudança climática. Que não seja submerso o que Deus criou como terra para o habitat para o ser humano e todos os outros seres vivos da biodiversidade. Em palavras dos nossos tempos: que não se represem as águas gerando barragens e lagos enormes que já atingiram e expulsaram mais de 1.000.000 de famílias. Que se repense o modelo

**Que não seja submerso
o que Deus criou como
terra para o habitat
para o ser humano e
todos os outros seres
vivos da biodiversidade.**

energético e se diversifiquem as fontes geradoras de energia.⁶

“Que a terra verdeje de verdura: ervas que dêem semente e árvores frutíferas que dêem sobre a terra, segundo sua espécie, frutos contendo sua semente” (Gn 1,11). Temos aqui, em tom poético, a descrição do sonho-projeto de Deus: uma biodiversidade rica, uma exuberância de plantas, verduras e frutas de todas as espécies naturais nascendo e crescendo em uma grande sinfonia dos ecossistemas. Aqui temos, indiretamente e implicitamente, uma crítica contundente às sementes transgênicas. Temos aqui uma defesa indireta da agricultura sustentável, orgânica e ecológica.

“Que haja luzeiros no firmamento do céu para separar o dia e a noite; que eles sirvam de sinais, tanto para as festas quanto para os dias e os anos” (Gn 1,14). Ou seja, sigam o ritmo natural de dia, tempo para traba-

lhar; noite, tempo para repousar. Não acabemos com este ritmo como está acontecendo nas cidades grandes onde muita gente é forçada a trabalhar de noite e nos domingos e dias de festas.

“Fervilhem as águas um fervilhar de seres vivos e que as aves voem acima da terra, sob o firmamento do céu” (Gn 1,20). Para isto é preciso tratamento de esgoto,

⁵ Estão na lista de seres a serem “dominados” peixes do mar, aves do céu, animais domésticos, todas as feras e todos os répteis que rastejam sobre a terra. Somente esses! Não estão na lista os peixes dos rios, não todo tipo de ave, nem os animais selvagens. O texto explicita que a dominação seja sobre **todas** as feras e répteis.

⁶ Urge investir também em energia solar, eólica, biodigestor e diversas outras formas.

reconstituição das matas ciliares, freio à agricultura do agronegócio que joga herbicidas e fungicidas de forma indiscriminada sobre as plantações, cujo destino final é sempre os veios d'água, controle também da mineração depredadora que joga resíduos minerários – metais pesados – nas águas dos rios. Tudo isso dizima a exuberante fauna aquática defendida pelo sonho-projeto de Deus.

Estudo publicado pela Revista Science comprova a diminuição da biodiversidade nos oceanos e alerta que isso é uma ameaça à humanidade. “A perda da diversidade marinha está impedindo cada vez mais a capacidade de os oceanos proporcionarem comida, manterem a qualidade da água e de se recuperarem de perturbações.” Segundo o estudo, todas as espécies marinhas selvagens que são pescadas hoje em dia entrarão em colapso (termo que significa o desaparecimento de 90% dos exemplares) até 2050, caso não sejam tomadas medidas para evitar isto. “A menos que mudemos de forma fundamental a maneira como administramos todas as espécies oceânicas, este século será o último de espécies marinhas selvagens”, declarou o professor da Universidade de Stanford (EUA) Steve Palumbi, um dos autores do estudo. Um

“A perda da diversidade marinha está impedindo cada vez mais a capacidade de os oceanos proporcionarem comida, manterem a qualidade da água e de se recuperarem de perturbações.”

dos dados mais alarmantes é que 29% das espécies pescadas tinham entrado em colapso, em 2003.⁷

Em Gênesis de 1 a 7 repete-se 19 vezes expressão “segundo sua espécie”. Aparece em “semente, segundo sua espécie; ervas e frutos, segundo sua espécie; aves segundo sua espécie; animais, segundo sua espécie; tudo o que vive, segundo sua espécie”.⁸ Esta insistência em enfatizar a beleza e a grandeza da biodiversidade demonstra o sonho de transfigurar a terra e transformá-la em um jardim, rico em biodiversidade, sendo o ser humano um jardineiro, cuidador de todos e de tudo.

O primeiro relato da Criação (Gn 1,1-2,4a) mostra o ser humano profundamente ligado, inter-conectado, a todas as criaturas do universo. De uma forma poética, o relato bíblico insiste na fraternidade de fundo que existe entre todos os seres vivos que são uma beleza. Deus, ao criar, sempre se extasia diante de todas as criaturas e exclama: “Que beleza! Bom! Muito bom!” O po-

eta cantor e compositor das Comunidades Eclesiais de Base, José Vicente, capta muito bem a mística que envolve, permeia e perpassa todo o relato da Criação: “Olha a glória de Deus brilhando...”, em todos e em tudo.

⁷ Cf. http://www.ecodebate.com.br/Principal_vis.asp?cod=3662&cat=

⁸ Cf. Gn 1,11.12 (duas vezes).21.24 (duas vezes).25(três vezes); Gn 6,19.20 (quatro vezes); Gn 7,3.14 (quatro vezes).

O segundo relato da Criação (Gn 2,4b-25) mostra o ser humano intimamente ligado com a terra e com as águas. “*Não havia nenhuma vegetação, porque Javé Deus não tinha feito **chover** sobre a terra e não havia **homem** para cultivar o solo.*” (Gn 2,5). Dois seres imprescindíveis e interdependentes para que o mundo se transforme em um paraíso com sócio-biodiversidade: água e ser humano. A água, junto com a terra, é a mãe da vida. Sem ela, tudo morre. Assassinar uma nascente, poluir um rio, deve ser considerado crime hediondo de lesa pátria. O ser humano é outro ser imprescindível, mas como cultivador, jamais como explorador e depredador.

“*Um manancial brotava da terra*” (Gn 2,6). Essa afirmação revela a íntima relação entre terra e água que é como “carne e unha”. Uma não pode existir sem a outra. A água é o sangue da terra: Gaia, grande ser vivo. “Javé Deus esculpiu o ser humano com a argila do solo” (Gn 2,7). Além de ser mãe das águas, a terra, umedecida e fertilizada pela água, aparece também como mãe do ser humano. No princípio era a água e a terra; e a água e a terra se tornaram “carne”: criaturas todas do universo. Não somos apenas filhos e filhas da água e da terra. Somos mais. Somos água e terra que sente, que canta, que pensa, que ama, que deseja, que cria... Deus cria a partir das águas e da terra. Só podemos ser co-criadores a partir das águas e da terra. Quem não defende, respeita e não tem uma relação de veneração e de encantamento para com as águas e a terra não pode

ser criativo. Estará jogando no time dos assassinos da nossa mãe, irmã e nosso próprio ser: a água e a terra. Somos tão filhos/as das águas e da terra quanto somos filhos/as de Deus.

A água está relacionada com os principais eventos fundantes do povo da Bíblia: na criação, no dilúvio, Moisés salvo das águas, transgressão nas águas de Meriba, na saída do Egito, na entrada da terra prometida, batismo de Jesus, na Nova Jerusalém..⁹ Qualquer projeto bíblico só se sustenta perto de fontes de água, de rios ou cisternas. Na Bíblia há uma associação da água com a Palavra de Deus. Ao povo Deus deu água de beber de um rochedo, e durante 40 anos, lhe garantiu o pão de cada dia e a água para beber. Hoje, mesmo mantendo características semi-rurais, 80% das pessoas vivem na cidade ou nas periferias e vêem água só na torneira ou no chuveiro, mas já se sente a necessidade de preservar as nascentes, mananciais, córregos e rios existentes, pois na água está o princípio da vida.

Segundo o relato bíblico de Gn 2,1-10.15 a terra é vocacionada para ser um jardim de Deus e o ser humano, um jardineiro. Para povos de regiões áridas, a primeira obra de Deus foi viabilizar a chuva sobre a terra e irrigar uma região quase desértica. Um dia, a falta da água gerou a seca e a fome em toda a região de Canaã. Os hebreus foram obrigados a migrar para o Egito (Gn 47). Lá se multiplicaram e foram oprimidos pelo império dos faraós (Ex 1). Os hebreus escravos gritaram a Deus e este veio libertá-los,

⁹ Na Bíblia se fala de águas 369 vezes. Isso revela a importância que a água tem para o povo.

conduzindo-os da escravidão para a terra da liberdade, passando pelo Mar Vermelho que se abriu em duas partes, deixando-os passar, em meio às águas, a pé enxuto (Ex 14). Fato semelhante aconteceu quando, mais tarde, conduzidos por Josué, os hebreus, já reunidos no mesmo povo israelita, atravessaram o rio Jordão, a pé enxuto, para entrar na posse da terra de Canaã (Js 3-4).

Devemos nos espelhar na hospitalidade de Abraão que oferece água para que seus hóspedes possam lavar os pés (Gn 18,1-5); na solidariedade de Jacó que tira a pedra do poço para que Raquel possa dar de beber a seu rebanho (Gn 29,10); na decisão de Moisés de garantir o direito à água para as filhas de Jetro (Ex 2,16-17); na generosidade da viúva de Sarepta que, em plena seca, não hesita em dar ao profeta Elías um copo de água e um pedaço de seu último pão (1Rs 17,10-11); na coragem de Abdias, intendente do palácio do rei Acab, que, mesmo temendo a ira do sistema monárquico, alimenta os profetas com pão e água (1Rs 18,4); na sabedoria do profeta Eliseu que torna potáveis as águas para uso do povo (2Rs 2,19-21) e que manifesta sua força curando, no Jordão, a lepra do sírio Naamã e fazendo boiar o machado que tinha caído no rio (2Rs 5,15; 6,6); na ousadia de Judite que sabe burlar a vigilância dos soldados inimigos que controlavam as fontes de águas querendo derrotar o povo pela sede (Jt 7,13-14; 12,7-9). Ao procedermos assim, na gratidão pela água, tornamo-nos água viva. "Aquele que me

segue, de seu íntimo jorrarão rios de água viva" (Jo 7,38).

3) Uma leitura libertadora do "pecado de Adão e Eva"

A partir da Teologia da Criação podemos re-interpretar o episódio do pecado original em chave psicológica, social, filosófica e antropológica, a qual nos levará

a uma compreensão do comportamento de Eva e Adão. O relato bíblico, comumente entendido, como pecado original é, na verdade, um relato simbólico que quer falar do processo de maturação pelo qual todos nós

somos convidados a passar. A Bíblia testemunha a defesa de Javé, Deus da vida, solidário e libertador, e denuncia com veemência todos os ídolos que se apresentam como sendo deuses, com aparência de Deus, mas na realidade não são. Aquele "deus" que proibiu os seres humanos de comer do fruto da árvore do conhecimento queria que os humanos se mantivessem sempre na fase infantil, sempre submissos e dependentes para que deus pudesse ser onipotente, todo poderoso. Mas a mulher (Eva) se rebelou contra a idéia de ficar sempre infantil e dependente, quis crescer, ganhar autonomia. Por este prisma devemos ver que em Gn 2,4b-3,24 temos um relato simbólico que trata do amadurecimento humano no nível pessoal e social. Devemos enterrar a idéia de pensar teologicamente a partir do pecado (original).

... A terra é vocacionada
para ser um jardim de
Deus e o ser humano,
um jardineiro.

Este é ato segundo, induz-nos ao pessimismo, a complexos de culpa. Devemos fazer Teologia a partir do Ato Primeiro que é a Criação, fruto bom e gratuito do infinito amor que Deus tem por nós e por todas as criaturas.

3.1. Notas exegéticas que ajudam na interpretação de Gn 1-3

Gênesis 1 a 3 não pode ser lido com um relato histórico empírico e pontual que descreve os primeiros dias da humanidade. Trata-se de uma "parábola" como uma metáfora narrativa que exprime uma substância histórica profunda, porém, sem estabelecer referências pontuais a personagens, lugares e tempos. Em roupagem mítica se reflete sobre a realidade histórica vivenciada pelo povo da Bíblia. Não se trata de uma biografia de Adão e Eva.

Gn 3 não pode ser visto separado de Gn 2 e de Gn 1. É preciso observar o conjunto refletido nos três capítulos. Gn 2 e 3 não foram escritos no século X a.E.C, como se pensa tradicionalmente, mas devem ter sido escrito entre os séculos IV e III a.E.C., pois um texto tão rico e importante como esse, se tivesse sido escrito em um tempo tão antigo, teria sido conhecido e freqüentemente citado. Pelo contrário, referência a Gn 2 e 3 só aparece em Eclo 17,1-11 e em Sb 2,23-24, textos deuterocanônicos escritos entre os séculos IV e III a.E.C. Somente a partir

desse momento o relato de Adão e Eva se torna importante e começa a aparecer nos diversos escritos apocalípticos escritos na passagem do Primeiro para o Segundo Testamento.

Gênesis 1 aparece como um texto de alegria e glória, no qual um Deus grande, na soberania da sua presença "no início" de todas as coisas, cria o céu, a terra e a luz, antes de fazer tudo o que existe. Em Gn 1 o nome "Javé" não aparece, apenas um "Eloim", Deus. Em Gn 2 se refere a Deus como "Javé". Saber o nome de alguém dá um certo poder e indica uma certa proximidade. A cultura moderna obcecada com a privacidade defende o direito de não oferecer o nome se não diante de total liberdade nas relações familiares e de amizade, ou sob exigência judicial. Cha-

Devemos fazer Teologia a partir do Ato Primeiro que é a Criação, fruto bom e gratuito do infinito amor que Deus tem por nós e por todas as criaturas.

mar Deus como "Javé" é certamente um passo rumo a uma relação familiar com a divindade, mas também inclui o risco de manipulação. Jesus não permitiu a si mesmo dar um nome da Deus, somente "pai". Dar um nome significa conhecer, "pegar", mas Deus é mistério inaferrável.

Em Gn 1 o verbo "criar" é usado nos momentos mais solenes, é o verbo da grande criação de Deus: céu e terra, mar e montanha, coisas maravilhosas e o ser humano. Em Gn 2 e 3, diferentemente, omite-se o verbo "criar" e fala somente do "fazer" de Javé, ou de "formar, fazer surgir, plantar, colher, estabelecer". O Deus majestoso de Gn 1 que cria com a força da sua palavra e do seu sopro, que "respira sob as

águas do início", se tornou, em Gn 2-3, um artesão que elabora minuciosamente sua obra.

Em Gn 2 se insiste sobre a ligação do ser humano com a terra¹⁰. Como não havia ninguém para cultivar a terra (Gn 2,5), "formou Javé Deus o ser humano, pó da terra" (Gn 2,7). Em Gn 2,19 os animais são colocados na mesma dignidade do ser humano, são também "formados da terra". A estreita relação do ser humano com a terra já tinha sido colocada em relevo na disposição divina de por o homem no jardim para trabalhá-lo e cuidá-lo (Gn 2,15) e será acentuada ainda em Gn 3,17.19 e em Gn 3,19 (o retorno do homem ao pó da terra) e enfim em Gn 3,23 no mandado para trabalhar a terra. Em Gn 1, o ser humano é "senhor de tudo"; em Gn 2, servo e cuidador da terra.

Se a "terra" é um termo que faz o fio condutor do relato de Gn 2 e marca a diferença com Gn 1 que tem o verbo "criar" como condutor da criação das "grandes coisas", em Gn 3 parece ser a "nudez"¹¹ do ser humano o que adquire valor primário.

A serpente aparece em Gn 3 como uma sábia mestra da humanidade, que leva o ser humano a assumir a sua responsabilidade, direitos e alegrias como um ser sexuado, libertando-se de uma interdição que o reduzia a uma condição infantil. A serpente não mentiu nas suas duas afirmações. De fato, o homem e da mulher

não morreram imediatamente por terem comido da árvore. Por outro lado, que antes de haver comido da árvore tivesse sido previsto um estado de imortalidade, o texto não diz. Também o homem e a mulher passam a conhecer o bem e o mal, como Javé reconhece em Gn 3,22. E neste sentido se tornam "como Deus".

Se tudo é assim, quem é bom e quem é mal neste relato? (A serpente é boa e "Javé", o opressor?) Em que consiste a transgressão? (Sair da infantilidade é transgressão?) O texto deve ser lido como um relato de transgressão? Se não, qual é o sentido de Gn 2 e 3 no conjunto da Bíblia e da fé cristã?

3.2. Gn 2,4b-3,24: Um relato simbólico sobre o amadurecimento humano

Com frequência se diz que Gn 2,4b-3,24 trata da experiência da origem do mal, e de como o ser humano, criado bom por Deus, se tornou mau por causa de fatores externos à criação de Deus, o mal encarnado na serpente. De forma tradicional o "pecado de Adão e Eva", considerado pecado original, tem afirmado o poder de Deus e aniquilado o ser humano, além de despejar nas costas das mulheres as culpas por muitos males que afligem a humanidade. Em chave moralista e apocalíptica¹² se diz que Eva e Adão pecaram, porque

¹⁰Em Gn 1 somente no v. 25 se menciona Adamah.

¹¹Cf. Gn 2,25; 3,7.10.11.

¹²Vários livros apocalípticos apócrifos estão na origem da interpretação tradicional do 'pecado de Adão e Eva', tais como: a) O "Livro dos Vigilantes", primeira secção do 1º livro (cc. 6-36) do Primeiro livro de Enoc (1 Enoc), literatura apocalíptica mais antiga; b) Apocalipse de Moisés (meados do 1º século d.C.) sobre a Vida de Adão e Eva depois da queda; c) "Vida de Adão e Eva"; d) Apocalipse siríaco de Baruc (2 Bar); e) Esdras 'apócrifo' (4 Esdras).

desobedeceram a Deus e por isso foram castigados com a expulsão do paraíso.

O apóstolo Paulo, preocupado em afirmar o caráter libertador e salvífico de Jesus Cristo, acabou reforçando a culpabilização de Adão. Disse, se referindo a Adão, que "por um homem entrou o pecado no mundo e por Jesus Cristo entrou a salvação." (cf. Rm 5,12-21). Importa recordar que Paulo não estava interessado em difamar Adão, mas em exaltar o testemunho de Jesus de Nazaré. Disse também que a serpente enganou Eva (2Cor 11,3). Nossa reflexão visa perceber outro sentido em si da narrativa. Deixemos o texto falar, abandonando, pelo menos por um momento, a visão preconcebida já bastante disseminada e que polui o texto.

O ser humano de Gn 2-3 não nos parece, inicialmente, "bom" e nem social, mas simplesmente ignorante sobre o que seja a vida humana.

A interpretação do "pecado e queda" não é mencionada em nenhum outro lugar na Bíblia, particularmente nos profetas. Somente a partir do 3º século, antes da era cristã, e daí para frente é que a interpretação tradicional do "pecado original de Adão e Eva" começa a vir à tona. Logo a interpretação do "pecado e queda" não é original do texto. Trata-se de um verniz colocado posteriormente no texto. Ao repintar a casa mudaram a cor das paredes. A cor original desapareceu e a nova cor passou a ser considerada como se fosse

**O apóstolo Paulo,
preocupado em afirmar
o caráter libertador e
salvífico de Jesus Cristo,
acabou reforçando a
culpabilização de Adão.**

original. Devemos recordar que o povo da Bíblia, historicamente, tinha uma "orientação grupal", isto é, primava-se pela vida comunitária, grupal e social que se dava na família, no clã e na tribo. Com o passar do tempo, pouco-a-pouco foi surgindo uma "orientação individual", isto é, a particularidade de cada pessoa começou a ser valorizada até chegarmos ao individualismo com o renascimento, no início da era moderna.

Cientistas sociais concordam que o povo do Primeiro Testamento bíblico era predominantemente de orientação grupal (cf. M. Douglas). Via-se a comunidade. A identidade pessoal era quase despercebida. Por exemplo, o decálogo se dirigia ao povo e não apenas a cada pessoa in-

dividualmente. Logo, a sociedade e suas instituições não podem matar, nem roubar, nem enganar, nem adulterar. Com o passar do tempo, houve uma privatização do decálogo, reduzindo-o a dez mandamentos. Além de mudar o foco para a moralidade, começou-se a aplicar os princípios do decálogo às pessoas individualizadas. Isso trai completamente o sentido do decálogo.

Em uma sociedade de orientação grupal, a vida e a salvação vêm através da continuação biológica da vida gerando crianças. Assim o casamento e a família são altamente valorizados e, logicamente, as relações sexuais. Encara-se com naturalidade a relação amorosa entre homem e mulher, passando pela relação sexual.

É necessário superarmos muitos dualismos ocidentais, oriundos de uma determinada interpretação da filosofia grega. Por exemplo, vida e morte são duas faces da mesma moeda. Trata-se de um processo de separação ou de diferenciação. Se o filho não se separa da mãe, se não se corta o cordão umbilical, não empreende respiração no mundo e não adquire autonomia e identidade própria. A semente, ao morrer, faz nascer de si um novo ser vivo que continua o ciclo da vida. O nascimento se dá com a separação entre o filho e a mãe, e na morte se dá a união com a terra-origem. Se não se morre para o ventre materno, não se nasce para o ventre da mãe Terra.

A palavra hebraica *"edem"* significa "prazeroso, delicioso". Sugere mais uma situação prazerosa do que um lugar geográfico. Em Gênesis 2,8 se diz que o jardim está a "leste", no oriente, simbolicamente do lado do início do dia. Em tom simbólico o texto parece sugerir que o jardim da vida está na infância, isto é, do lado do raiar da vida. Logo, falar de jardim é muito mais simbólico que real.

"Javé Deus tomou o ser humano e o colocou no jardim do Éden para o cultivar e o guardar" (Gn 2,15). Em outras palavras, Deus quer que o ser humano viva de forma intensa e prazerosa cultivando e protegendo sua única casa comum. "Podes comer de todas as árvores do jardim, exceto uma: a árvore do conhecimento do bem e

do mal" (Gn 2,17). Aqui cabe precisar algumas coisas. A proibição é somente com relação à árvore do conhecimento do bem e do mal. Devemos perguntar: Discernir entre o bem e o mal é algo positivo ou negativo? Quem proíbe?

"Conhecer o bem e o mau" não quer dizer se tornar como Deus. Parece tratar-se de um conhecimento intelectual, ético, experiencial e discernimento afetivo-sexual. Algo positivo, desejável para todo

ser humano. Quando aparece, na Bíblia, a expressão "conhecer o bem e o mal" refere-se, normalmente, a uma capacidade humana, desejável aos filhos do povo (cf. Dt 1,39). As crianças devem crescer e chegar à capacidade de discernir entre o bem e o mal (cf. Is 7,15-16). Nunca é procurar além dos limites da possibilidade humana. "Comer da Árvore do Conheci-

"Conhecer o bem e o mau" não quer dizer se tornar como Deus. Parece tratar-se de um conhecimento intelectual, ético, experiencial e discernimento afetivo-sexual. Algo positivo, desejável para todo ser humano.

mento" é preparação crítica para a vida fora do jardim, no mundo dos adultos onde ambigüidades e contradições são constantes. Sendo uma coisa positiva discernir entre o bem e o mau, certamente quem se apresenta para proibir algo bom parece ser Deus, mas, na realidade, é um ídolo. Em muitas passagens bíblicas se fala da necessidade de discernir a voz de Deus. Abraão, por exemplo, caminhou três dias, levando consigo seu filho único Isaac, pensando que Deus pedia o sacrifício do próprio filho, mas, ainda em tempo, percebeu que se tratava da voz de um ídolo e que o Deus da

vida gritava em sentido contrário: "não levante a mão contra seu próprio filho. Não lhe faça nenhum mal." (Gn 22,12aa). Assim Isaac foi salvo. É provável também que em Gn 2,4-3-24 se dê a passagem da voz de um ídolo, disfarçado de Deus, para Javé, o Deus solidário e libertador que quer a humanidade caminhando com as próprias pernas, sem infantilismo.

Em uma linguagem simbólica alegórica, os quatro rios – Fison, Geon, Tigre e Eufrates –, além de fazer referência a todo o mundo conhecido na época, simbolizam toda a terra (cf. Gn 2,10-14).

Deus cria a mulher a partir do homem, enquanto este dorme (Gn 2,21-24). O sono simboliza a morte, demonstra a dinâmica essencial da vida: vida que nasce da morte. O sono também indica que a criação da mulher não teve a participação ativa e consciente do homem. Isto reafirma a igualdade original entre homem e mulher.

Em sociedades de orientação grupal, como no Israel bíblico, a vergonha é o mais forte meio de controle social. Uma pessoa envergonhada é uma pessoa diminuída e acuada. Vergonha não era uma questão moral oriunda da sexualidade, mas se sentia vergonha por uma derrota militar (cf. Jz 20,18-28) ou por um empreendimento frustrado. Historicamente o povo está nu, envergonhado, não por uma questão moral-sexual, mas por ter sido deportado, exilado e oprimido. A "vergonha" na Bíblia é o sentimento de quem ficou desiludido, vencido e pisado.

"O homem e sua mulher estavam nus, porém não sentiam vergonha" (Gn 2,25). O que é central no relato não é a vergonha, mas a descoberta (algo positivo) da nudez, isto é, encontrar-se a si mesmos. O homem e a mulher deixaram o estado infantil e se tornam adultos. Somente na fase da infância o homem e a mulher não se envergonham de estarem nus. As crianças não são ainda socializadas o suficiente para perceber as implicações da nudez pública. A mudança da não vergonha para a vergonha, enquanto nus, indica que ele e ela estavam na adolescência (cf. Gn 3,7). Até o século III a.C. a nudez não era considerada um símbolo do mal, tentação, sedução, pecado sexual. O dominicano Pe. Carron dizia que, para os povos indígenas, pudor era valorizar o corpo nu e pintá-lo, enfeitá-lo. Vestir o corpo é impudor.

3.3. A serpente não é o demônio

Para entendermos bem o relato de Adão, Eva e a serpente, temos que passar uma borracha na interpretação fundamentalista e dualista que associa automaticamente a serpente ao diabo, ao demônio. Essa leitura é muito posterior ao texto e está contaminada por uma visão dualista que vê o diabo, o satanás, como se fosse um deus negativo que compete com o Deus verdadeiro. O Primeiro Testamento Bíblico, sem os livros

Para entendermos bem o relato de Adão, Eva e a serpente, temos que passar uma borracha na interpretação fundamentalista e dualista que associa automaticamente a serpente ao diabo, ao demônio.

deuterocanônicos, não estabelece nenhuma relação entre a serpente do Gênesis e “satã”. Somente no último livro do Primeiro Testamento, a Sabedoria, escrito em grego por volta do ano 50 a. C., se faz a ligação da serpente com o diabo (Sb 2,24).

Satanás (*satã*, em hebraico) ou diabo (*diabolos*, em grego) não são entes abstratos, um deus negativo que faz oposição ao Deus da vida. Satanás (diabo) é tudo o que divide, separa, desune, oprime, exclui, discrimina e depreda. Pode ser uma dimensão interior nossa, mas em uma sociedade capitalista neoliberal como a nossa, trata-se prioritariamente de estruturas e instituições que oprimem, excluem e depredam a natureza. Por exemplo, podemos dizer que o agronegócio, a mineração depredadora, a monocultura do eucalipto (e tantas outras) e o modelo de desenvolvimento capitalista são realidades satânicas, pois concentram riquezas em poucas mãos, expulsam os pequenos do campo e depredam o meio ambiente, o santuário da biodiversidade.

A serpente é rápida como um raio, é astuta (*arûm*, em hebraico), espécie de sabedoria prática, representa habilidade na linguagem. Já na antiguidade a medicina descobriu que o veneno da serpente, diluído em doses infinitesimais, podia servir de remédio. O veneno da serpente pode ser mortal ou terapêutico. Assim é a vida. Dependendo da forma como é vivida pode ser ocasião de humanização (salvação) ou de perdição. Mitologias e lendas populares consideram a serpente como símbolo

cósmico e/ou religioso de vida e de morte. Entre os gregos, os adeptos do deus Príapo acreditavam que o nascimento de um herói provinha da fecundação de uma mulher por uma serpente. A Índia conhece gênios meio homens e meio serpentes (os *nâga*). Desde a época do budismo, as serpentes são tidas por budistas como “distribuidoras da fertilidade universal”. Há mitos que ligam a serpente à idéia de uma vida que não se acaba. A longevidade atribuída à serpente (por causa das renovações da pele) explica esse simbolismo da imortalidade.¹³

Muitos mitos associam a serpente à idéia de conhecimento e profecia. Ela “conhece todos os segredos e entrevê o futuro”, pois dorme com os olhos abertos, por não ter pálpebras móveis. Assim sendo está sempre vigilante. Enfim, no antigo Oriente Próximo, onde os relatos bíblicos foram escritos, a serpente era tida como símbolo antes de tudo positivo. No livro de Números, a serpente erguida é tida como símbolo de vida. Sob inspiração de Deus, “Moisés fez uma serpente de bronze e a colocou em um poste levantado. Se alguém era mordido por uma serpente, olhava para a serpente de bronze e vivia” (Cf. Nm 21,4-9). O evangelho de Mateus aconselha: “Seja simples como as pombas, mas astutos como a serpente” (Mt 10,16).

A serpente renova a casca constantemente, mas tem veneno. Em sociedades agrícolas, como o povo do Primeiro Testamento Bíblico, a serpente é benéfica e ameaçadora, ao mesmo tempo. O povo de sociedades agrícolas não teria a mesma

¹³Cf. GIRARD, Marc., *Os Símbolos na Bíblia*, Ed. Paulus, São Paulo, 1997, pp. 650-666.

aversão a serpentes que caracteriza muitas pessoas nas sociedades modernas. Em Gn 3,1-5 a serpente é um símbolo de sabedoria ou discernimento, particularmente discernimento do “bem e do mal”. Assim a serpente é um símbolo ideal da oposição das forças da vida. É a serpente que começa o processo da maturação da fase da adolescência (Gn 3,1). É a mulher que interage com a serpente, porque a adolescente feminina começa sua maturação fisiológica mais cedo que o adolescente masculino. Também a mulher tem mais iniciativa e, na maioria das vezes, tem mais preocupação em crescer humanamente. Por isso inspira mais confiança.¹⁴

Enfim, a serpente aparece mais como parceira de Deus no processo de educação do ser humano do que como instrumento do mal. A punição da serpente é apenas um recurso literário para manter a estrutura narrativa – três personagens, três punições – ou um sub-produto causado pela narração ou ainda uma concessão a uma polêmica anti-cananéia, onde a serpente era considerada um símbolo do maligno, um ídolo.

3.4. Destaques na narrativa

Gn 3,1-10: A linguagem usada não dá indicação de sedução: a mulher *pega, come*

e *dá* também para o homem; e este “do mesmo modo” *come* (Gn 3,6). Mais tarde na conversa com Deus, o homem não indica que a mulher tentou-o ou seduziu-o, mas que ela deu para ele a fruta, do mesmo modo que Javé Eloim¹⁵ deu para ele a mulher (Gn 3,9-12). Não existe argumento que Deus tentou ou seduziu o homem dando a ele a mulher.

Comendo o fruto se realiza um “rito de passagem” no qual a pessoa morre para a fase infantil, passa pela adolescência e nasce para a fase adulta. Não se trata de rebelião, queda ou falta, mas de um movimento natural de maturação, liberdade e realização da identidade. E quanto mais ele e ela entendem a realidade da vida mais ele e ela entenderão Deus.

Gn 3,11-13: Ser adulto é assumir responsabilidades. Ao não assumir responsabilidades o homem e a mulher (Adão e Eva) demonstram a incompletude do processo de maturação, pois quem é maduro assume responsabilidades. Não faz um jogo de empurra-empurra.

Gn 3,14-15: Discernimento da realidade nua e crua da vida familiar. Gn 3,15 mostra a labuta que é a vida; custa suor e exige luta.

Gn 3,16: O que o homem “controla” é o desejo sexual da mulher, não a mulher inteira. Colocar limites é necessário para o

¹⁴Muhammad Yunus, Prêmio Nobel da Paz, em 2006, empresta dinheiro, em microcrédito, somente às mulheres. Se um homem quiser um empréstimo, ele precisa que uma mulher (esposa, irmã, prima etc) se responsabilize. No início, os empréstimos eram concedidos tanto a homens como a mulheres, mas a prática mostrou que as mulheres são mais “confiáveis”, porque elas vêm nesse dinheiro a grande oportunidade de melhorar a vida dos seus filhos. Cf. Jung Mo Sung, “Nobel da Paz e Economia”, em *Jornal de Opinião*, 30/10 a 5/11/2006, p. 6.

¹⁵Deus aqui é invocado como Javé e como Eloim, simultaneamente. Javé é a dimensão de Misericórdia de Deus. Eloim representa a dimensão de Justiça de Deus. Logo, o Deus que interpela o homem e a mulher é misericordioso e justo.

crescimento, mas os limites devem ser dosados. As dores sentidas são dores de parto, não estertores de morte. A mulher traz em si mesma a sede de dar a vida, de criar, de amar etc

Gn 3,17-19: À primeira vista estes versículos soam como castigo, mas não são. São apenas o diagnóstico da vida adulta. O homem toma consciência de que a luta pela sobrevivência é dura, custará muito trabalho e suor. O homem se conscientiza também que pertence à Terra, é parte dela. *"O homem é pó, e ao pó voltará"* (Gn 3,19). O homem se entende como transitório e efêmero. A liberdade é um dos maiores desejos humanos, mas é no provisório, no relativo, no efêmero, que se pode experimentar *ser humano*.

Gn 3,20-24: Nesses versículos acontece a transição para a fase adulta. A palavra Eva, em hebraico significa mãe "dos viventes" ou "da vida". Na língua aramaica Eva é *Ravah* e significa aquela que vê, que compreende, que "tem um sexto sentido", como diz a sabedoria popular. Esta palavra é usada como título honorífico dado à mulher somente após a "conclusão" do seu processo de amadurecimento. Se conforme a interpretação tradicional, a mulher é responsável por trazer o mal e a morte para o mundo, por que ganharia ela um título honorífico?

Javé Eloim ao fazer roupas para o homem e a jovem, prepara para ele e ela

saírem da fase infantil (o jardim) e assumirem o mundo (a fase adulta – cf. Gn 3,21). O salmo 8,4-7 testemunha a grandeza do ser humano, sob a bênção de Deus: "Tu o fizeste pouco menor que um Deus".

"Javé Eloim expulsou o homem do jardim de Éden para cultivar o solo de onde fora tirado" (Gn 3,23). Essa "expulsão" aparenta ser um castigo, mas não é. Castigo seria se tivesse jogado o ser humano em uma das prisões brasileiras, onde a dignidade da pessoa, a integridade física e mental e os direitos humanos são pisoteados. Com qual objetivo Deus tirou o ser huma-

no do jardim de Éden? Para cultivar o solo. Eis um motivo nobre. Nem de longe isso pode ser castigo, mas é uma graça. Também no processo de amadurecimento "proibições" são elementos necessários. Uma pessoa só pode conhecer suas possibilidades no momento em que conhece seus limites.

A árvore é "boa para alimentar-se, era bela para ser vista e desejável para adquirir conhecimento". A proibição recai somente sobre o comer.

3.5. Juntando os fios

No desfecho do relato bíblico sobre o que aconteceu com Adão e Eva, o que era apenas um diagnóstico foi interpretado como castigo. Entender Deus como alguém que proíbe e castiga é contraditório com a idéia de Deus amor.

A liberdade é um dos maiores desejos humanos, mas é no provisório, no relativo, no efêmero, que se pode experimentar ser humano.

O processo de amadurecimento sai da infantilidade do jardim (infância: Gn 2,7-9; Infância primeira e média: Gn 2,16-23; adolescência: Gn 3,1-19) e chega ao mundo adulto que Javé Eloim criou para ser povoado por adultos. Forças opostas e a morte fazem parte natural e essencial da vida¹⁶. Em Gn 2 - 3 Deus, o homem e a mulher amadurecem. O homem rompe sua ligação inicial com o jardim e abraça sua missão: desenvolver-se no mundo. A mulher, que inicialmente aparece como reflexo do ho-

mem, amadurece também. E Deus aprende a respeitar os limites de seus direitos sobre o homem e a mulher e descobre que se por amor criou, deve deixar a liberdade vigorar no ser humano, o que implica a possibilidade de errar e ser infiel.

Alguém poderia objetar: como é que fica então o pecado original? Nossa reflexão teve dois objetivos. Primeiro, desconstruir uma interpretação fundamentalista e dualista, que tem justificado colocar a culpa dos males do mundo na mulher como se ela fosse discípula fiel de uma "serpente", entendida de forma abstrata e a-histórica, como se a causa dos problemas humanos fosse advinda de fora das entranhas da história. Segundo, sugerimos uma releitura do "pecado de Adão e Eva" que quebra tabus e indica a humanidade passando por um processo de humanização. O "pecado", se é que existe, estaria

**A fonte da felicidade
está na sabedoria
consciente dos limites
da condição humana.**

na ambigüidade da vida humana ou na ambição de conhecer sem limites. O ser humano tem o direito de chegar ao conhecimento do bem e do mal. Conhecer infinitamente, não. A fonte da felicidade está na sabedoria consciente dos limites da condição humana. Somos seres abertos.

Sendo livres e profundamente circunstanciados nos deparamos com muitos caminhos. Temos que escolher. Nem sempre as escolhas são as melhores. E, muitas vezes, podem ser condicionadas por sistemas e ins-

tuições que ofuscam a escolha. O filósofo Paul Ricoeur diz: "na experiência humana, cada um encontra o mal já presente; ninguém o começa de modo absoluto." Estamos todos na mesma rede. Ou nos salvamos de forma coletiva ou perecemos. Não dá para dizer: a vida é uma preciosidade criada por Deus. Que cada um cuide da sua.

O cosmo veio do caos, mas o caos sempre nos acompanha, como um "pecado original".

Enfim, temos que ouvir os gritos insistentes do ambiente e fazer coro como Leonardo Boff que vem insistindo sistematicamente: "Em nome do desenvolvimento capitalista exploram-se, de forma ilimitada, todos os recursos para que haja mais e mais consumo, sem o qual o sistema econômico-financeiro se afunda. A continuar com a voracidade deste sistema,

¹⁶ Cf. também SCHWANTES, Milton, "Projetos em conflito, Gênesis 2-3; beleza e realismo", São Paulo, CESEP/Paulus, Curso de Verão - ano V, 1991.

antes de 2050, advertiu na revista *Veja* de 25 de outubro do corrente ano, precisaremos de mais de duas Terras para suprir a demanda da humanidade, diz-nos o relatório "Planeta vivo 2006" do Fundo Mundial para a Natureza. James Lovelock, o formulador da Teoria Gaia – a Terra como super-organismo vivo.: "Até o fim do século é provável que 80% da população humana desaparecerá" em consequência do superaquecimento da Terra. E acrescenta o teólogo da libertação: "praticamente todo o território brasileiro será demasiadamente quente e seco para ser habitado".¹⁷

**QUESTÕES PARA
AJUDAR A LEITURA
INDIVIDUAL OU
O DEBATE EM
COMUNIDADE**

- 1 - Você concorda com a afirmação: "Nosso Planeta está ameaçado de morte"? Porque?
- 2 - Que aspectos da teologia da criação apresentados no texto chamaram mais a sua atenção? Porque?
- 3 - Como fazer na comunidade a releitura do "pecado de Adão e Eva" sugerida no texto?

Frei Gilvander Moreira.

Frei e padre da Ordem dos Carmelitas,
mestre em Exegese Bíblica pelo
Pontifício Instituto Bíblico, de Roma;
professor de Exegese e Teologia Bíblica
de Evangelho de Lucas e Atos dos Apóstolos
no Instituto Santo Tomás de Aquino – ISTA,
em Belo Horizonte, e no Seminário São José
– Instituto de Teologia – em Mariana/MG.
Assessor do CEBI, CEBs, SAB,
MST e CPT.

Endereço do autor:

Rua Grão Mogol, 502
Carmo Sion
30310-010 BELO HORIZONTE – MG
E-mail: gilvander@igrejadocarmo.com.br

¹⁷LEONARDO BOFF, "Ecologizar a política e a economia", em <http://www.adital.com.br/site/noticia.asp?lang=PT&cod=25265>

Quadro Programático da CRB 2004-2007

HORIZONTES

1. Uma espiritualidade evangélica que potencialize para o testemunho da partilha, para a profecia e anúncio missionário, e para acolher as mudanças necessárias, frente aos novos tempos.
2. Vida Consagrada como sinal do Reino de Deus na opção preferencial, audaciosa, solidária e transformadora pelos empobrecidos e excluídos.
3. Afirmação da identidade da Vida Consagrada no seu compromisso e missão com a causa da justiça, da paz, da reconciliação, sendo esperança para a vida do mundo, no seguimento de Jesus.
4. Vida Consagrada como espaço de novas relações, particularmente de gênero, de etnias, de gerações e ecológicas.

PRIORIDADES

1. Avançar na construção de alianças intercongregacionais na formação, missão, projetos comuns, e em parcerias com organizações afins.
2. Dinamizar o processo formativo para ser presença profética e testemunho de esperança diante dos desafios da realidade de hoje.
3. Assumir as interpelações das novas gerações em seus dinamismos, exigências e potencialidades.
4. Incentivar a vida fraterna e sororal em comunidade como espaço de testemunho evangélico, na interculturalidade.
5. Cultivar uma mística enraizada na Palavra de Deus como fonte de coragem para responder aos desafios atuais.
6. Resgatar de forma criativa a inserção em meios populares, bem como a missionariedade em regiões carentes, no mundo urbano, *ad gentes* e em realidades emergentes.

REALCES

1. Potencializar uma formação humanizante com particular atenção aos desafios atuais e questões de identidade, liderança, poder e relações na Vida Consagrada.
2. Fomentar uma economia solidária e partilha de recursos humanos e materiais, em vista de um testemunho mais efetivo.
3. Buscar a comunhão com a CNBB, a integração com a CLAR e o diálogo com as novas formas de Vida Consagrada.
4. Cultivar a consciência crítica e o discernimento evangélico que tornem a Vida Consagrada capaz de posicionar-se com determinação diante das situações de injustiça na sociedade.
5. Dar prosseguimento ao processo de sensibilização da Vida Consagrada para questões emergentes, de modo particular vindas da juventude e as novas formas de animação vocacional.
6. Ajudar as congregações e institutos em suas análises institucionais, em vista da refundação.